

Textos Escolhidos

# Padre Caffarel

*A Equipe Responsável Internacional não autoriza nenhum grupo de casais, que não seja admitido no Movimento, a intitular-se "EQUIPES DE NOSSA SENHORA".*

*Este documento é de uso interno do Movimento das Equipes de Nossa Senhora*

*Responsabilidade:  
Equipe da Super-Região Brasil  
R. Luis Coelho, 308 • 5º andar • cj 53  
cep 01309-902 • São Paulo - SP  
Fone: (0xx11) 3256.1212 • Fax: (0xx11) 3257.3599  
www.ens.org.br • secretariado@ens.org.br*

*Tradução  
Monique e Gérard Duchêne*

*Revisão de Texto  
Armélia e Hermínio Dalbosco*

*Edição e Produção:  
Nova Bandeira Produções Editoriais Ltda.  
R. Turiaçu, 390 - 11º andar, cj. 115  
São Paulo - SP • Fone: (11) 3473.1282  
www.novabandeira.com  
novabandeira@novabandeira.com*

*Projeto Gráfico e Diagramação:  
Alessandra Carignani*

Henri Caffarel  
1903 - 1996

Textos Escolhidos

Padre  
Caffarel

*Tema de estudos das  
Equipes de Nossa Senhora*

# SUMÁRIO

<b>Apresentação .....</b>	<b>05</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>07</b>
<b>Plano do tema.....</b>	<b>11</b>
<i>Capítulo 1</i>	
<b>Desejar .....</b>	<b>13</b>
<i>Capítulo 2</i>	
<b>Alimentar-se .....</b>	<b>19</b>
<i>Capítulo 3</i>	
<b>Orar .....</b>	<b>29</b>
<i>Capítulo 4</i>	
<b>Lutar.....</b>	<b>39</b>
<i>Capítulo 5</i>	
<b>Construir o casal.....</b>	<b>47</b>
<i>Capítulo 6</i>	
<b>Construir a Equipe .....</b>	<b>55</b>
<i>Capítulo 7</i>	
<b>Viver o quotidiano.....</b>	<b>63</b>
<i>Capítulo 8</i>	
<b>Preocupar-se com os outros.....</b>	<b>75</b>
<b>Ó Tu.....</b>	<b>82</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>84</b>

## APRESENTAÇÃO

É com imensa alegria que a Equipe da Super-Região propõe para 2009 o tema de estudo: “Textos escolhidos do Padre Henri Caffarel”.

A experiência das ENS mostra que o tema é essencial para os casais desejosos de viver um cristianismo integral, pois aprofunda e fortalece os liames que unem e impulsionam as suas vidas. Ele também é importante para quem exerce responsabilidade, à medida em que orienta o planejamento das atividades anuais dos setores, regiões, províncias e super-região.

Dois mil e nove será um ano especial. Celebraremos o septuagésimo aniversário das ENS, cuja referência é a primeira reunião de equipe realizada em 25 de fevereiro de 1939, em Paris. Em 2009 também realizaremos o 2º Encontro Nacional, em Florianópolis, no qual pretendemos contar com a participação de 5.500 equipistas.

Esses dois eventos valorizam o tema escolhido, pois tornam evidente a expansão das ENS no mundo e, em especial, no Brasil.

Para nós, a rapidez dessa expansão é fruto da fecundidade do amor, pois sabemos que a vida nas ENS assenta-se na convicção de que o amor conjugal é uma realidade que revela e realiza a união de amor que Deus quer contrair com cada casal. Mesmo assim, consideramos que um “aggiornamento” será bem visto. Sentimos a necessidade de voltar às fontes. Sentimos a necessidade de revigorar a nossa capacidade de transmitir e viver toda a riqueza da espiritualidade conjugal diante da realidade vivida pelos casais de hoje.

Os “Textos escolhidos do Padre Henri Caffarel” nos proporcionarão uma reflexão simultaneamente atraente, profunda e objetiva.

Percorrendo os capítulos deste tema, reveremos a nossa

vida no seio das ENS, a partir de um questionamento essencial dirigido a cada um de nós e a todos os que desejarem tornar-se equipistas: o que viemos fazer nas ENS? Aprofundaremos a reflexão sobre a proposta efetiva das ENS: ajudar os casais a edificarem-se humana e cristãmente, apoiando-se nos recursos do sacramento do Matrimônio. Veremos que uma equipe só poderá servir efetivamente os casais se for uma verdadeira comunidade cristã e a vida cristã exige cuidados permanentes. Escuta da palavra, eucaristia e oração interior são os alimentos essenciais para manter a vitalidade. A ascese também é indispensável como complemento à caminhada para a santidade. O último capítulo tratará da missão dos casais, da partilha do amor que é a alma do apostolado.

“Felizes os olhos que vêem o que vós vedes” . (Lc 10, 23b)

Desejamos que este tema seja para cada casal uma oportunidade de aperfeiçoamento.

**Equipe da Super-Região Brasil**

## INTRODUÇÃO

Em 2003, por ocasião do centenário do nascimento do Pe. Caffarel, fundador das Equipes de Nossa Senhora, a direção do Movimento resolveu convidar os equipistas a reler alguns dos textos que ele escreveu, a fim de reencontrar o carisma inicial ao qual sempre retornava: nunca deixou de propor aos equipistas a reflexão sobre a vocação e a missão do casal cristão. Foram, portanto, escolhidos, dentre os editoriais da Carta Mensal, alguns dos que, ao serem publicados, mais marcaram os espíritos e os corações. Como o escriba do qual fala o Evangelho, procuramos extrair desse tesouro coisas antigas que a muitos parecerão novas e maravilhosas. Possam esses textos apresentados na forma de um tema de estudo, em 8 capítulos, alimentar a “procura de Deus” em casal, em todos os que os meditarem, procura essa da qual o Pe. Caffarel foi o apóstolo e, como disse o Cardeal Lustiger, então Arcebispo de Paris, quando da missa após a sua morte, “o profeta”.

Henri Caffarel nasceu em Lyon em 30 de julho de 1903 em uma família cristã. Estudou no colégio dos Irmãos Maristas. Aos vinte anos, seu “encontro” com o Cristo determina sua vocação sacerdotal. Após os anos de formação, durante os quais ele dá à oração interior a mesma importância dada aos estudos, é ordenado sacerdote pelo Arcebispo de Paris, Cardeal Verdier, em 19 de abril de 1930.

Inicialmente a serviço da Ação Católica, desliga-se rapidamente desse ministério para dedicar-se ao que desde o início era o coração do seu chamado: trabalhar para a formação espiritual dos cristãos. Prega retiros em colégios e aconselha muitos jovens que o procuram. Quando esses jovens se casam, é a ele que se dirigem para aconselhá-los em sua vida de casados. É assim que, em 25 de fevereiro de 1939, se reúne com ele um grupo de quatro casais aos quais ele diz: “Procuraremos juntos qual é o caminho da santidade para os casais.” Assim nasce a

espiritualidade conjugal baseada no sacramento do matrimônio.

Através da provação da guerra de 1939-1945 e na euforia do pós-guerra, as equipes de casais se multiplicam. Para aprofundar a intuição primeira sobre a espiritualidade conjugal e para difundir-la amplamente, o padre Caffarel funda em 1945 uma revista, L'Anneau d'Or (A Aliança de Ouro).

Em 1947, ele redige para os grupos de casais uma Carta fundadora que os torna um movimento estruturado - as Equipes de Nossa Senhora -, com seu órgão de divulgação, a "Carta Mensal das ENS". Ele também inicia um movimento para as jovens viúvas de guerra, com uma pequena revista: Offertoire (Ofertório).

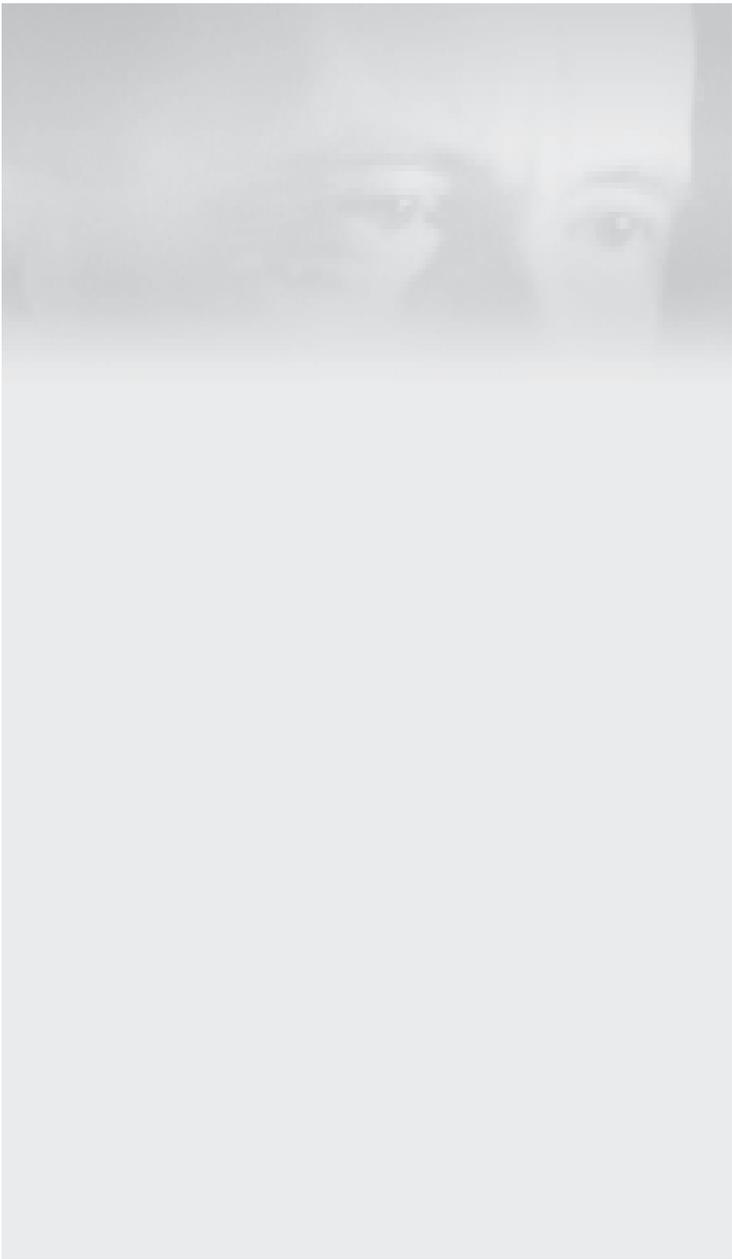
A direção dessas revistas e a animação desses movimentos absorvem seu tempo e suas forças. Mesmo assim não perde de vista o que constitui a sua constante preocupação: levar os leigos - e em primeiro lugar os casais das Equipes de Nossa Senhora - a uma autêntica vida espiritual, incitando-os à oração interior diária. Eis porque lança, em 1957, uma nova revista, Cahiers sur l'Oraison (Cadernos sobre a Oração Interior) que, como L'Anneau d'Or, terá uma aceitação internacional. E aproveitando uma oportunidade que lhe é oferecida, inaugura, em 1966, uma "Escola de Oração" em Troussures, próximo a Beauvais, onde ele anima durante o ano "Semanas de Oração".

As Equipes de Nossa Senhora se expandem pelos cinco continentes. Sua vida é animada pelos grandes encontros internacionais. O Padre Caffarel tem a grande alegria, na peregrinação a Roma em 1970, de ver reconhecidas pela Igreja suas grandes intuições sobre a santidade do casal cristão: é o importante discurso de Paulo VI às Equipes de Nossa Senhora, em 5 de maio daquele ano. A publicação de L'Anneau d'Or cessou (em 1967), mas o que procurava, apoiado na experiência das Equipes, rendeu frutos.

Em 1973, aos 70 anos, o Padre Caffarel deixa em mãos mais novas a responsabilidade das Equipes de Nossa Senhora e passa

a dedicar-se totalmente à paixão de sua vida: iniciar todos os cristãos à oração interior para conduzi-los ao encontro pessoal com o Cristo. Ele o faz pelos Cahiers sur l'Oraison, por seu Curso de Oração por Correspondência, por seus livros (ver a bibliografia ao fim deste livreto), pelas semanas de oração em Troussures que irá conduzir por mais vinte anos. Morre, em Beauvais, em 18 de Setembro de 1996. Repousa no pequeno cemitério de Troussures.

**Equipe de Pesquisa e Reflexão  
da S.R. França – Luxemburgo – Suíça**



## PLANO DO TEMA

O tema é dividido em 8 capítulos:

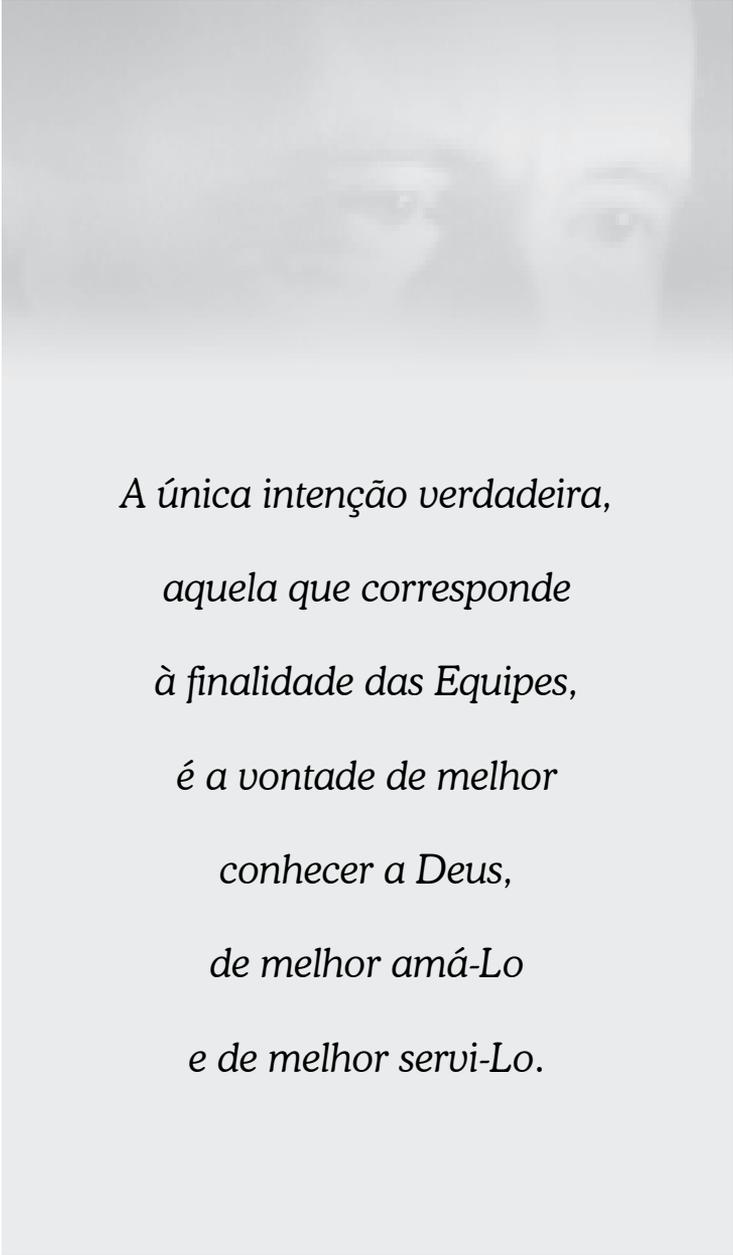
1. Desejar.
2. Alimentar-se.
3. Rezar.
4. Lutar.
5. Construir o casal.
6. Construir a equipe.
7. Viver o cotidiano.
8. Preocupar-se com os outros.

Para alimentar a nossa reflexão, cada capítulo se compõe de diversos textos do Padre Caffarel, reproduzidos aqui em tradução a partir do original.

Vocês encontrarão em seguida:

- pistas para troca de idéias em casal;
- pistas para troca de idéias em equipe. Elas são apenas sugestões; cada casal e (ou) cada equipe poderá reformulá-las como desejar;
- um texto de meditação para a oração na reunião;
- uma proposta para viver o auxílio mútuo.

A exemplo da Equipe Responsável França-Luxemburgo-Suíça que decidiu enfatizar naquele ano o esforço do auxílio mútuo na linha da Carta Fundadora, perguntemo-nos: “Não é ilusório pretender ajudar nossos amigos a levar uma vida espiritual se nós não os ajudamos em primeiro lugar a superar as suas preocupações e dificuldades?” É por isso que os casais das Equipes de Nossa Senhora praticam largamente o auxílio mútuo, tanto no plano material como no plano espiritual, obedientes à grande orientação de São Paulo: “Carregai os fardos uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl. 6, 2).” Daí as sugestões que seguem cada capítulo.



*A única intenção verdadeira,  
aquela que corresponde  
à finalidade das Equipes,  
é a vontade de melhor  
conhecer a Deus,  
de melhor amá-Lo  
e de melhor servi-Lo.*

## Capítulo 1

# DESEJAR

*Uma das condições para entrar nas Equipes de Nossa Senhora é ter o desejo de progredir espiritualmente, pessoalmente e em casal. Este desejo pode enfraquecer e se perder nas areias do hábito e da rotina. É indispensável conservá-lo e renová-lo. O Padre Caffarel no-lo recorda com freqüência.*

### **O que vocês vêm fazer nas Equipes?**

*Já em 1948, o Padre Caffarel colocava diante dos olhos dos equipistas a grande figura de São Paulo e a sua procura apaixonada por Cristo.*

“Durante as últimas férias, fiz numerosas e longas caminhadas solitárias na floresta. Levava comigo as epístolas de São Paulo. Uma vez mais, fiquei impressionado pelo indefectível apego do Apóstolo ao Cristo”.

No decorrer dessas leituras, vocês, caros amigos, estavam muito presentes nas minhas meditações e o assunto da próxima mensagem que lhes mandaria se impôs a mim: nas Equipes de Nossa Senhora, é preciso visar o essencial. As trocas de idéia, as sólidas amizades, o auxílio mútuo material e moral, tudo isso não é o objetivo primeiro. O essencial é procurar Cristo. Infelizmente, as palavras se desgastam; temo que a expressão: “procurar Cristo” não desperte em vocês mais que um eco muito enfraquecido.

Eis alguns textos – ou melhor dizendo – alguns brados de São Paulo que lhes mostrarão o que é procurar Cristo e, tendo-O encontrado, pertencer-Lhe.

São Paulo é habitado pela caridade: “O amor de Cristo nos compele” (2 Cor 5, 14). “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada?... Mas em tudo isto somos mais que vencedores” (Rm 8, 35 – 37).

Acontece-lhe, como a todos nós, encontrar-se diante da alternativa: agradar aos homens ou agradar a Deus, e toma partido: “Se eu quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1, 10). “Somos loucos por causa de Cristo” (1 Cor 4, 10).

Cristo é o pólo de sua vida. Ele não hesita, porém, em sacrificar as doçuras de sua intimidade com Ele para ir ao encontro dos seus irmãos, a fim de que eles, por sua vez, pertençam ao seu mestre: “Sinto-me num dilema: o meu desejo é partir e ir estar com Cristo, pois isso me é muito melhor, mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa” (Fl 1, 23).

Os diversos sofrimentos não lhe são poupados e sem dúvida conhece horas de angústia. Reage: “Eu sei em quem coloquei a minha fé” (2 Tm 1, 12). Será que vocês percebem tudo o que há de heróica coragem e ternura de coração nestas palavras? Sua vida só tem uma razão de ser. Ele será fiel até o martírio: “É preciso que Ele reine” (1 Co 15, 25).

Não há dúvida que estamos bem longe dessa santidade. A questão, porém, é saber se nós queremos ou não ser possuídos pela mesma paixão devoradora. E, voltando às Equipes, se é isso que vocês vêm procurar em primeiro lugar, se este desejo norteia a sua troca de idéias, as suas orações, se é realmente a razão de ser da sua amizade e do seu auxílio mútuo.”

*(Carta Mensal francesa, novembro de 1948).*

### **Objetivo nº 1**

*Dois anos mais tarde, o Padre Caffarel volta ao assunto, por ocasião do Encontro dos Responsáveis de Equipe. Após haver verificado o bom nível desses dias de Encontro, ele constata o sentimento dominante: “As Equipes de Nossa Senhora têm uma fundação sólida”, mas retorna com insistência ao seu objetivo fundamental.*

“Se eu vos falo desses dias de Encontro, não é somente para convidá-los a cantar vitória, mas também para lhes pedir que

umentem o seu esforço. E, em primeiro lugar, que apontem corretamente, isto é, que saibam discernir bem o objetivo, para tender diretamente a ele”.

Qual é, pois, este objetivo?

Será o auxílio mútuo fraterno, no plano material e no plano espiritual? – Não se repetirá jamais suficientemente: amai-vos, ajudai-vos, é a lei de Cristo. Entretanto, esse não é o nosso objetivo nº 1.

Será o estudo do pensamento cristão? – Ele não será jamais aprofundado o bastante: não se vive de maneira verdadeiramente cristã sem uma fé esclarecida, sustentada, viva. Tampouco é esse, nas Equipes, o objetivo nº 1.

Será o aprendizado da oração? – Esse é, com efeito, um aspecto característico das nossas Equipes, a parte importante que se dá à oração. Ainda não é esse o objetivo nº 1.

O objetivo nº 1, que inclui todos esses objetivos, os excede e os ultrapassa, é a união com Cristo.

União com Cristo, quer dizer:

- Imitação de Cristo, em todas as horas e em todas atividades de sua vida.
- Comunhão com a paixão e com a vitória de Cristo.
- Identificação com Cristo, até poder afirmar, como São Paulo: não sou mais eu que vivo, que amo, que sofro, que rezo, é Cristo que vive em mim, ama, sofre e reza.

É esse o objetivo.

Compreendem vocês agora porque eu lhes peço com tanta frequência considerar a sua participação nas Equipes como algo de essencial nas suas vidas? Não é essencial associar-se ao Clube Alpino, aderir a uma associação de antigos alunos, etc. No entanto, se a união com Cristo é para vocês o essencial, e se as Equipes de Nossa Senhora lhes parecem ser o meio providencial para alcançá-lo, então eu lhes digo que as Equipes devem ocupar um lugar essencial nas suas vidas.

O amadorismo está excluído!”

*(Carta Mensal francesa de fevereiro de 1950)*

## Para Deus

*Outro texto forte do Padre Caffarel para repisar qual deve ser a orientação fundamental do casal que entra nas Equipes de Nossa Senhora. Após ter lembrado a importância da intenção, ele continua:*

“Que diversidade de intenções, no fundo dos corações, em certas equipes! Um vem mais ou menos arrastado por seu cônjuge, para agradar-lhe; outro casal, recém chegado na cidade, está feliz por fazer amigos; outro ainda decidiu entrar “porque é preciso fazer alguma coisa”; encontramos também, muitas vezes, o caso de um casal atraído pela esperança de encontrar um apoio para sua vida conjugal; e talvez até em certas cidades seja de bom tom fazer parte das Equipes.

E há também aqueles que não têm intenção alguma, que participam por pura rotina, para não magoar os seus companheiros ao deixarem a equipe.

Ora eu lhes digo; nenhum desses motivos justifica a presença numa equipe. Alguns deles não são maus, mas nenhum é o verdadeiro motivo, o que corresponde à razão de ser do Movimento. É normal que um ou outro desses motivos acompanhem o verdadeiro, mas nenhum deles deverá ser o motivo determinante.

A única intenção verdadeira, aquela que corresponde à finalidade das Equipes, é a vontade de melhor conhecer a Deus, de melhor amá-Lo e de melhor servi-Lo. Viemos às Equipes para Deus, permanecemos nelas para Deus. O motivo da entrada, o motivo da permanência nas Equipes é religioso, quer dizer, relativo a Deus.

Aliás, como podem os equipistas pretender aceitar a Carta Fundadora – eu penso no seu Preâmbulo – se não é este o seu motivo? Bem sei que os motivos se enfraquecem com o tempo, e por vezes são imperceptivelmente recobertos ou asfixiados pelo joio dos motivos secundários ou falsos. De modo que o casal, ou o indivíduo, que entrou na Equipe por uma intenção legítima, pode nela permanecer apenas por uma razão secundária ou não válida.

Eis porque é necessário verificar freqüentemente, nas reuniões mensais, o rumo para o qual cada um está orientado. Isso é

função do Casal Responsável e do Conselheiro Espiritual, a quem cabe lembrar a razão de ser das Equipes, especialmente na reunião de balanço e antes da renovação anual do compromisso\* (dá um dos seus principais significados), e também durante o ano, retomando a leitura, senão de todo o Preâmbulo da Carta, pelo menos de uma ou outra das frases que definem as grandes orientações espirituais do Movimento.

Como é possível que uma equipe onde existe uma disparidade de intenções – pensem nas diversas razões que enumerei acima – não venha a conhecer um dia uma grave crise? Nela coabitam forças (ou fraquezas) divergentes, opostas, incompatíveis. Basta um pequeno mal entendido para desencadear tensões, provocar confronto entre os seus membros, precipitar a crise inevitável. Atribuir-se-á muitas vezes a falsas razões este estado de crise: má índole, falta de caridade, divergência de gostos; quando, na realidade, a causa é bem mais radical: a disparidade de intenções.

Todos os remédios serão então apenas paliativos, até mesmo os esforços de caridade fraterna, se não se procurar converter as intenções – ou retirar-se. A lealdade exige que os membros de um Movimento não entrem nem permaneçam nele se a sua intenção não corresponde ao ideal proposto pelo Movimento.

Como seriam fortes, santificantes e irradiantes as nossas equipes, se todos os seus membros só entrassem e permanecessem nelas para Deus!”

*(Carta Mensal francesa de dezembro de 1962)*



### **Para a troca de idéias em casal (Dever de Sentar-se)**

- Escreva, cada um por seu lado, o que a palavra santidade evoca para você e depois partilhem sobre este tema.
- Estão vocês animados pelo desejo de santidade para si mesmo e para o seu cônjuge? Este desejo está sempre vivo e ativo em vocês? é inexistente? ou está adormecido? De que maneira

---

\* Obrigatória, naquela época

vocês pensam poder despertá-lo?

- Por que entramos nas Equipes de Nossa Senhora? Por que permanecemos? (Cada um poderá explicar como sente a motivação do outro.)

### **Para a troca de idéias em equipe**



- O Concílio Vaticano II lembra que todos os homens são chamados à santidade. De que se trata quando se fala de santidade? O que esta palavra, “santidade”, evoca para nós? Estamos de acordo, em equipe, sobre uma definição (ou descrição) da santidade?
- Como fazer para que outros descubram que também eles são chamados à santidade?
- Revejam em equipe o que pode ser partilhado da troca de idéias em casal e troquem idéias na reunião sobre as motivações profundas da sua pertença às Equipes de Nossa Senhora.



### **Meditação para a reunião (Mt 5, 43 – 48)**

**A perfeição está** no amor.

“Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; deste modo vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos céus, porque ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos. Com efeito, se amais os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem também os publicanos a mesma coisa? E se saudais apenas os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem também os gentios a mesma coisa? Portanto, deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito”.



### **Para viver o auxílio mútuo**

Em função do que foi partilhado, escolher em equipe um meio concreto para fazer crescer nosso desejo de Deus.

## Capítulo 2

# ALIMENTAR-SE

*A vida em Cristo exige ser constantemente alimentada. Caso contrário, ela enfraquece e corre o risco de se extinguir com a primeira borrasca. Não se trata de contentar-se em vegetar: o objetivo é uma vida em plenitude, esse transbordamento de vida que é a vitalidade. É preocupação permanente do Padre Caffarel desenvolver a vitalidade teológica dos indivíduos e dos casais e, para tanto, levá-los a se alimentar espiritualmente.*

### **Por que tantos fracassos?**

O Padre Caffarel pretende ser um clínico geral: alguém que ausculta a realidade para fazer um diagnóstico e propor os remédios adequados. Ora, o que constata? “Quantos foram os inícios de vida, alegres e cheios de promessas, de que fomos testemunhas! E, vinte anos depois, quantos fracassos, secretos ou públicos.” O diagnóstico: mediocridade e tibieza. A causa: falta de alimentação. Os remédios: a Eucaristia, a Palavra de Deus, a oração interior.

“Uma explicação parece-me impor-se. Da mesma maneira que o organismo físico definha quando suas necessidades essenciais não são satisfeitas (privado de água, ele se desidrata rapidamente; de alimento, fica anêmico; se faltar o sono, a depressão nervosa o espera; se faltar o oxigênio, ele se asfixia), também o organismo espiritual, ao ser frustrado nas suas necessidades vitais, apresenta fenômenos análogos: anemia espiritual, queda de vitalidade, perda do gosto pela vida interior. Em verdade, o interessado freqüentemente não se dá conta da alteração de sua saúde moral. No entanto, caso surja uma epidemia – quero dizer uma tentação – é a catástrofe. Todo mundo se espanta diante da queda repentina. Na realidade, ela só é repentina na aparência, já que de longa data se preparava. Quantas vezes ouvi: “Durante

vinte anos esse casal era apontado como exemplo, e de repente...” Não, não foi de repente: de há muito encontrava-se num estado de menor resistência.

Muitas são as necessidades vitais do organismo espiritual. Três, contudo, parece-me mais urgente relembrar. Os ensinamentos dos autores espirituais e, mais ainda, a experiência de vinte e cinco anos de vida sacerdotal me convenceram de sua imperiosa prioridade.

A nossa geração – em teoria – não merece a censura de subestimar a Eucaristia. Ela nasceu para a vida cristã logo após os decretos de Pio X sobre a comunhão precoce e freqüente. Rapazes e moças acostumaram-se a comungar no domingo, muitos, até mesmo durante a semana. Quantos, entretanto, abandonam a comunhão na hora em que ela lhes seria mais necessária: para superar as dificuldades da vida conjugal, enfrentar os perigos dos engajamentos políticos, vencer o materialismo ambiente, ser preservado dessa queda no meio da vida “que se faz voluntariamente por tédio... porque o caminho é longo e seu fim distante, porque se está sozinho e o consolo não chega” (C Claudel).

Não é por acaso que para se doar a nós Cristo tomou o pão e não uma iguaria rara: o pão é alimento cotidiano. Os cristãos pedem diariamente ao Pai o Pão insubstituível. Inconseqüentes, descuidam de procurá-lo. Acreditam poder viver sem comer!

Há outro alimento, não menos necessário que a Eucaristia ao organismo espiritual, e mais negligenciado ainda: a Palavra de Deus (Antigo e Novo Testamento). Os católicos foram convidados a comprar a Bíblia e o fizeram. Lá está ela, sobre a mesa de cabeceira, servindo de base para a lâmpada. Será que a abrem? Ora, o amor precisa de expressão, de troca, de comunicação. Entre o militar servindo longe e sua esposa na França que deixam de se escrever, crêem vocês que o amor resistirá muito tempo? Nosso amor de Deus, para permanecer vivo, exige uma fé, um conhecimento vivo: “A vida eterna é que te conheçam a Ti, o único verdadeiro Deus”. Ora, o meio privilegiado para possuir uma fé viva é deixar-se penetrar

pela Palavra de Deus, viva, criativa, recriadora. É ela que, ao nos apresentar as grandes obras do Senhor, as Magnalia Dei, tem o poder de despertar em nós tudo aquilo que é capaz de admiração e de louvor; é ela que, ao nos redizer as promessas divinas, faz brotar nossa esperança; é ela que, ao nos revelar o amor infinito de Deus, faz arder em nós esse Fogo que Cristo veio trazer à terra. Não será pois surpresa se a vida divina – fé, esperança e caridade – declinar e apagar-se naquele que deixa de escutar o seu Deus que lhe fala.

A oração Interior não é menos necessária. Ela salva da asfixia a nossa alma, essa “seqüestrada”, como diz Claudel. Por meio dela, a “prisioneira” retorna ao ar livre e põe-se a respirar. A sua vitalidade, alimentada pelo pão da Palavra e pelo pão eucarístico, pode enfim se exercitar: a Deus que lhe falou, ela responde; a Deus que se doou, ela se entrega. Entre Deus e a alma um intercâmbio vivo se instaura, a comunhão à qual todo amor aspira. E pouco a pouco a vida inteira daquele que ora, e pelo fato de orar, torna-se oração.

Bem sei o que me vão objetar. (...) “Como querem que em nosso dia, consumido pelas tarefas profissionais ou domésticas, ainda possamos encontrar tempo para ir à missa, ler as Escrituras, orar?” – “Você encontra tempo para comer e dormir!” – “Claro, é preciso.” – “Sim, mas a questão é saber se, enquanto não aceita que se debilite o seu organismo físico, você se conforma em deixar morrer de inanição a sua alma. E também, se você acha normal que Deus esteja praticamente excluído de sua vida.”

Conheço homens e mulheres que, um belo dia, decidiram reagir. Pensaram a sua existência em função de sua vida cristã, e não o inverso. Alguns precisaram modificar profundamente a maneira de organizar a sua vida. Não digo, aliás, que o conseguiram da noite para o dia, nem que o seu programa nunca fosse alterado por motivos de força maior. Posso, entretanto, afirmar que para esses empresários, esses médicos, esses operários, essas mães de família numerosa – que não estão menos ocupados que vocês – a vida se transformou depois que a Eucaristia, a

Palavra de Deus, a oração interior encontraram um lugar em sua vida diária. Para esses eu não temo um fracasso de sua fé nem do seu casamento. Eles estão vivos.”

**(Carta Mensal francesa de maio de 1955)**

### **O Pão de cada dia**

*Depois de lembrar o privilégio dos cristãos do século XX que, a partir do pontificado de Pio X, tinham a possibilidade de comungar todos os dias, o Padre Caffarel se interroga (em 1958) sobre o que fizeram desse privilégio.*

“Passados cinqüenta anos, onde nos encontramos? O entusiasmo e o ardor pela mesa posta foram de curta duração. A rotina - velha feiticeira - retomou os seus direitos. Dois de seus frutos - abusos e negligência - eis o que constatamos em grande escala. Abusos: comungar na missa de domingo para muitos não passa de uma rotina: não se preparam mais, deixam de “provar-se” como pede São Paulo; esquiva-se a ação de graças e passa-se o dia no esquecimento da Eucaristia. Negligência: se muitos cristãos contraíram o hábito da comunhão na missa dominical, poucos vão diariamente à missa e nela comungam. E não é por excessiva preocupação com uma pureza escrupulosa nem por extrema reverência para com o Santíssimo Sacramento, motivos pelos quais se retraíam outrora certos jansenistas e que não deixavam de ter a sua grandeza. Não, as razões são mais prosaicas: falta de tempo, dizem uns; incompatibilidade com o horário de trabalho, alegam os homens, com o da escola, alegam as mães. Sem dúvida, algumas delas são verdadeiras, mas quantas vezes não são simples pretextos? A prova está em que as extraordinárias facilidades oferecidas hoje em dia aos moradores das cidades: missas às doze e trinta, às dezoito ou dezenove horas, a nova regulamentação do jejum eucarístico, não modificaram muita coisa. É preciso aprofundar mais para encontrar a verdadeira explicação, para compreender o ilogismo desses cristãos que no Pai Nosso pedem o pão de cada

dia e desistem de ir procurá-lo. No fundo, falta-lhes a estima, a fé viva na Eucaristia. Os protestos que surgem quando adianto esta explicação não me fazem mudar de opinião. Se a fé e a fome demasiado fracas não bastam para levá-los à Eucaristia, deveriam pelo menos ir a ela por uma simples docilidade ao chamado de Cristo, que a Igreja não faz senão traduzir. (...)

A propósito, será que eles conhecem o pensamento da Igreja? Souberam os pais e educadores junto às crianças, os sacerdotes junto aos fiéis, transmitir a mensagem? Os cristãos de 1958 sabem, sem dúvida, que se pode comungar diariamente e pensam que é certamente uma devoção edificante; terão, porém, os melhores dentre eles, os próprios militantes, compreendido, ou mesmo aprendido que o regime normal de um cristão normal é a comunhão diária? Contudo, o que há de mais explícito que esta outra palavra do mesmo Pio X: “A igreja deseja que todos os fiéis se aproximem cada dia da mesa santa.” (...)

A Eucaristia tem um lugar central na vida cristã, mas não deve estar isolada dos outros elementos dessa vida cristã, alguns dos quais preparam-lhe o terreno, outros são a sua frutificação. Contentar-me-ei em mencionar três deles, de insubstituível importância: a cultura da fé, notadamente por um contato habitual com a Palavra de Deus; a oração - quero aqui falar da oração mental que alguns designam por meditação ou oração interior; e o amor ao próximo, um amor ao mesmo tempo vivo e eficaz. Alguns objetarão: “Nem pense nisso, o senhor não sabe como é a nossa vida de leigos!” O que sei, sim, é que não existe cristianismo a preço de liquidação. E sei também de alguns cristãos – perfeitamente normais, eu lhes garanto – que pensam que as necessidades vitais do organismo espiritual, assim como as dos corpos, não podem ser negligenciadas sem grave perigo.

Não nego que alguns, não obstante o seu desejo, estão impossibilitados de ir à missa diária. Que eles se tranquilizem! O seu sofrimento por esta privação e o desejo que por ela perdura, lhes obterão as graças que Deus reserva aos seus filhos impedidos de ter acesso às fontes sacramentais.

No entanto, estou convencido de que poderia haver um futuro magnífico para a nossa cristandade se, afinal, consentíssemos em compreender que a missa e a comunhão diária são o regime normal do cristão, e que dispensá-las sem um motivo válido é fazer prova de um assustador desconhecimento desse dom prodigioso do amor divino que é a Eucaristia. Veríamos então se multiplicarem as vocações sacerdotais e religiosas: nutridas pela Eucaristia, as almas aspiram a um dom cada vez mais total. Assistiríamos a uma fecundidade inesperada dos nossos movimentos católicos. E o sacramento do matrimônio “super-ativado” pela sua ligação com a Eucaristia, produziria os seus plenos efeitos de fidelidade, de pureza, de santidade conjugal.”

**(Carta Mensal francesa de março de 1958)**

### **O mistério do Evangelho**

*Se conhecêssemos o mistério do Evangelho! O Padre Caffarel tenta no-lo fazer perceber.*

“O que faz o valor e a importância do livro dos Evangelhos, não é só o fato de ser uma coletânea dos gestos e ditos de Jesus Cristo, nosso Senhor, mas segundo a palavra incisiva de Santo Agostinho, que seja “a própria boca de Jesus Cristo”.

Vocês se enganariam, com efeito, se vissem no Evangelho palavras antigas, piedosamente conservadas, as palavras do maior homem que tenha passado pela terra. O Evangelho é a Voz, viva e permanente, de um vivente, do grande Vivente, presente hoje no meio de nós, segundo a sua promessa: “Eu estarei convosco até a consumação dos séculos.”

Esta Palavra dirige-se, sem dúvida, a toda a Igreja, mas também a cada um de nós. Estou certo de pensar, ao abrir o Evangelho: Alguém me fala. É muito diferente ler um livro ou um artigo de jornal, endereçado a todos e a ninguém, ou uma carta que me é endereçada pessoalmente. Ora, o Evangelho é essa carta de Deus a mim endereçada.

Alguém fala comigo. Jesus Cristo fala comigo. Isto por si já é bastante extraordinário. Mas de que palavra se trata? Porque existem palavras e palavras. Há a palavra do oficial que comanda: ele tem em vista fazer agir. Há a palavra do professor que ensina: ela quer comunicar um conhecimento. Há, melhor ainda, a palavra do rapaz confessando à moça: “Eu te amo.” Muito mais do que uma ordem, muito mais do que um ensinamento, essa palavra transtorna profunda e completamente um ser. Decide o seu destino.

Pelo Evangelho, Jesus Cristo fala e, sem dúvida, ensina o que é necessário crer e ordena o que é necessário fazer, mas antes de qualquer coisa Ele se revela, Ele me faz a confidência emocionante: “Eu te amo, e te amo até o sacrifício de minha vida.” A fé pela qual respondo à sua confissão é bem mais que a simples adesão de minha inteligência ao seu ensinamento, bem mais que a obediência aos seus mandamentos, é um impulso de todo o meu ser, pelo qual eu me entrego a ele sem reservas.

Há, porém, algo ainda mais belo e misterioso. A palavra de Cristo, no Evangelho, não é somente ensinamento, mandamento, confissão de amor: é um ato. Ela opera. Essa Voz que ouço ao ler o Evangelho é aquela mesma que apaziguava a tempestade furiosa, curava a lepra, ressuscitava os mortos, perdoava os pecados, gerava filhos de Deus (Tg 1, 18; 1 Pd 1, 23 – 25).

Ora, ela não perdeu a sua força nem a sua atualidade. Os orientais o compreendem quando, ao ouvirem o seu sacerdote ler o Evangelho, acorrem junto ao Livro como antigamente as multidões acorriam junto a Cristo.

Compreendem vocês agora que o Evangelho se possa aproximar da Eucaristia? Que ele seja chamado de “sacramento”, no sentido antigo da palavra? Que Santo Agostinho tenha podido escrever: “Por seu Evangelho, Jesus Cristo está realmente presente entre nós?” Aliás, é o próprio Jesus Cristo que nos convida a aproximar o Evangelho da Eucaristia. Escutemos estas duas frases quase idênticas, uma delas, dizendo respeito à Eucaristia: “Aquele que come minha carne e bebe meu sangue terá a vida eterna” (Jo 6, 54), e a outra, visando a Sua Palavra: “Se alguém

guarda a minha Palavra, não verá jamais a morte” (Jo 8, 51).

Porque será, pois, que os melhores cristãos, esses mesmos que se apressam em receber a Eucaristia, mostram tanta negligência em “escutar” e “guardar” a Palavra de Cristo, e sejam tão pouco habitados por sua “Palavra Poderosa”?

### **(Carta Mensal francesa de janeiro de 1964)**

*Nota: A vida espiritual não pode se desenvolver se não for alimentada. Três grandes meios para alimentá-la são aqui propostos: a Eucaristia, a Palavra de Deus e a oração. Deixaremos a oração para o próximo capítulo. Interroguem-nos sobre a nossa participação na Eucaristia e sobre a nossa escuta da Palavra de Deus.*



#### **Para a troca de idéias em casal (Dever de Sentar-se)**

- Refletir, cada um por seu lado, sobre o sentido da Eucaristia para a sua própria vida e partilhar em seguida sobre o assunto. Ver como progredir e se ajudar mutuamente.
- Qual é a frequência de nossa participação na Eucaristia? Por quê? O que traz ao nosso casal?
- Procuramos verdadeiras soluções para participar dela durante a semana? Por exemplo, conhecemos os horários das missas durante a semana na nossa paróquia ou próximo ao nosso lugar de trabalho?
- Achamos o convite a uma participação freqüente na Eucaristia exigente demais?
- Fazer perguntas análogas com relação à escuta da Palavra de Deus. Que lugar tem ela em nossa vida? É ela para mim uma carta pessoal de Deus? Como nos ajudar um a



#### **Para a troca de idéias em equipe**

- “Se não comerdes minha carne, não tereis a vida em vós.” Estamos convencidos da importância da Eucaristia para

alimentar a nossa vida espiritual? Partilhemos sobre a nossa prática eucarística, a sua freqüência (notadamente aos domingos), a nossa maneira de prepará-la, etc.

- Qual o lugar da Palavra de Deus em nossa vida? Leitura diária ou não? De que maneira? O que procuramos nela? Que fazemos para melhor compreendê-la? etc.
- Participamos da preparação concreta das eucaristias (equipe de liturgia...) ou de encontros eclesiais sobre a Palavra de Deus (grupos bíblicos, grupos de leitura familiar e orante da Bíblia...)?



### **Oração na reunião (Jo. 6, 48-56)**

*Quem não come não pode viver.*

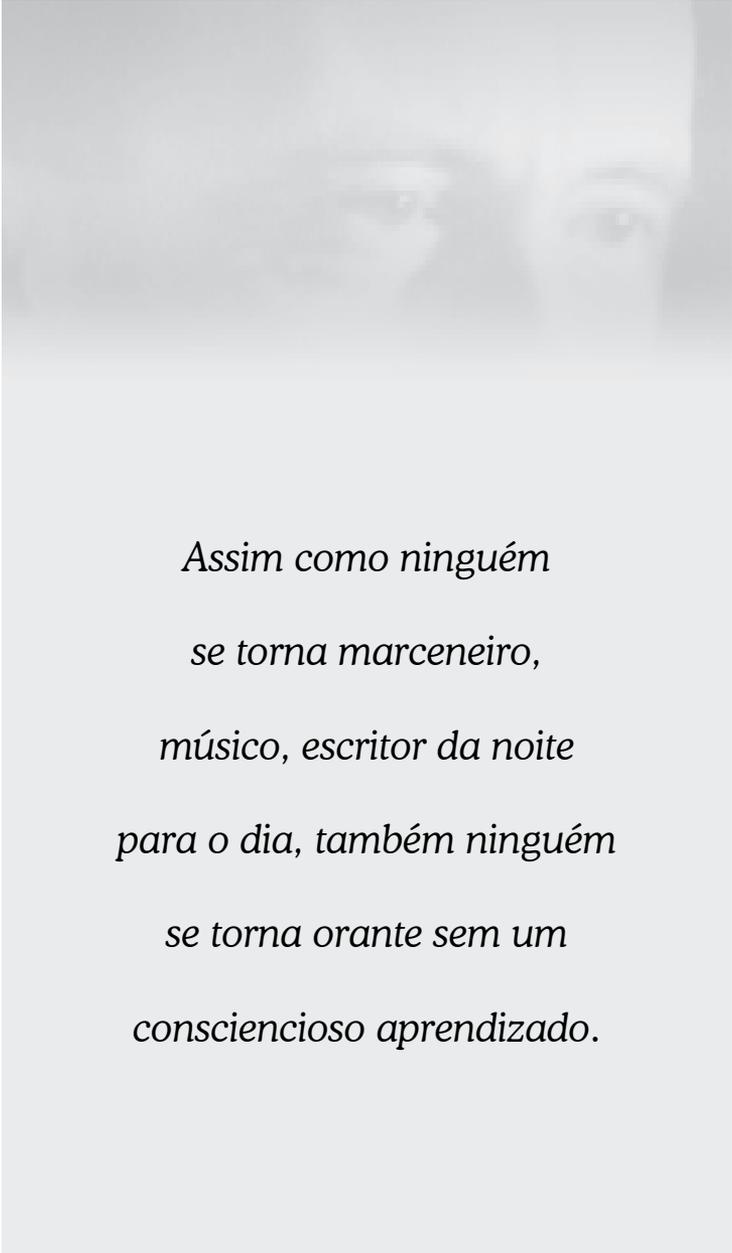
“Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este pão é aquele que desce do céu para que não pereça quem dele comer. Eu sou o pão vivo descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que eu darei, é a minha carne para a vida do mundo.

Os judeus altercavam entre si, dizendo: “Como este homem pode nos dar a sua carne a comer?” Jesus lhes respondeu então: “Em verdade, em verdade, vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele.”

### **Para viver o auxílio mútuo**



Procurar nos encontrar em equipe para a eucaristia dominical e nos ajudar a participar dela durante a semana (uma escolha de horários propícios poderá permitir esse encontro...)



*Assim como ninguém  
se torna marceneiro,  
músico, escritor da noite  
para o dia, também ninguém  
se torna orante sem um  
consciencioso aprendizado.*

## Capítulo 3

### ORAR

De todos os alimentos necessários à vida cristã, a oração, principalmente em sua forma de oração interior, parece ser o alimento fundamental, pois é ele que permite a assimilação dos demais pelo nosso organismo espiritual. Essa era a convicção do Pe. Caffarel. Daí a insistência com que trata o assunto.

#### 1/96 avos

Em seu editorial de novembro de 1952, o Pe. Caffarel chamava a atenção dos leitores para uma régua graduada com 96 divisões.

“Olhem para esta régua: 96 divisões. Os 96 quartos de hora que compõem um dia. Contem a partir da esquerda o número de horas que vocês reservam para o sono e façam um traço vertical. Contem a seguir o número de horas de trabalho, profissional ou doméstico: novo traço vertical. Em seguida, o tempo das refeições, o dos deslocamentos, da leitura do jornal, etc. Por fim, a partir da direita, contem o tempo dedicado à oração e comparem!”

Vocês me dirão: “Nada de mais enganador que esse tipo de conta. O senhor compara realidades que não podem ser comparadas. A oração não é questão de tempo, como também não o é o amor. Não é porque dedico dez horas por dia ao meu trabalho e pouco tempo a conversar com a minha mulher e com os meus filhos que não os amo, que os amo menos que o meu trabalho! O amor não é questão de tempo.”

Contudo, será bem assim? Quantas vezes o amor dos esposos, a afeição entre pais e filhos periclita, precisamente porque não cuidamos de os alimentar e aprofundar. Nossos amores humanos exigem encontros, trocas, momentos de união dos corações. Isto é vital.

É a mesma coisa para o amor de Deus. Ele define na alma

do cristão que não reservar a cada dia momentos de encontro com o Senhor, momentos de troca, de intimidade, ou seja, de oração. E isso não é menos vital.

Aquele que me responde: “Onde vou encontrar tempo para orar?” deixa-me pensativo... Ou ele não entendeu o caráter vital da oração para sustentar a vida religiosa, ou o seu caso é da alçada do psiquiatra, como seria o de uma mãe de família numerosa, com grave anemia, caso respondesse ao seu médico: “Como posso encontrar tempo para comer, com oito crianças e tudo o mais que disso decorre, mamadeiras, fraldas, banho dos pequenos, trabalhos escolares dos maiores...?”

O problema todo é saber se é vital comer, o problema é saber se é vital orar.

Afinal, talvez seja culpa nossa, dos padres, se os cristãos não acreditam no valor da oração: será que os alertamos o suficiente quanto à anemia espiritual que os espera? Quando vêm se confessar de covardia, orgulho, impurezas, em vez de insistir para que se esforcem por não recomeçar, será que chamamos a sua atenção para a verdadeira causa: o seu estado de baixa resistência, que os torna tão vulneráveis? Será que lhes recomendamos o único remédio capaz de fazê-los adquirir uma vitalidade espiritual e resistir às ameaças externas e internas: a oração?

O grande remédio não seria antes a Eucaristia, dir-me-ão? Sem dúvida, mas a Eucaristia, numa alma que não ora, é somente em terra não arada, ela não pode produzir frutos. Creio, após vinte anos de ministério, poder afirmá-lo com segurança: o cristão que não dedica diariamente dez a quinze minutos (1/96avos do seu dia) a essa forma de oração que chamamos de oração interior permanecerá sempre infantil, ou melhor, definhará. Ele passará por crises graves, das quais não sairá com glória, ou talvez mesmo, nem conseguirá sair por muito tempo.

Em vez de me demorar no aspecto negativo do problema, prefiro terminar evocando esses numerosos homens e mulheres que conheço, que não têm menos filhos, nem menos trabalho profissional ou doméstico que os outros, mas cuja vida cristã

se aprofunda, desabrocha, irradia, porque a oração é o seu alimento cotidiano. Eles entenderam que isso é vital e vivem dessa certeza.”

### **(Carta mensal francesa de novembro de 1952)**

#### **Maiores de idade?**

*Num editorial originalmente destinado à Carta Mensal, mas cuja importância fê-lo publicar no L'Anneau d'Or<sup>1</sup>, o Padre Caffarel interrogava-se sobre a aparente ineficácia do esforço dos cristãos no campo temporal e no campo apostólico, e o motivo pelo qual isso ocorria, concluindo: falta de vitalidade, por falta de oração.*

“(…) Seria, em verdade, muito simples e simplista acusar os nossos contemporâneos e declará-los impermeáveis ao cristianismo. É muito fácil dizer, simplesmente, que a pastoral tradicional caducou, que os nossos métodos de apostolado faliram e que é necessário encontrar novos métodos. Sem desconhecer a parte de verdade contida nestas assertivas, creio que o mal é mais profundo. O que me parece faltar às comunidades cristãs e aos seus membros é a vitalidade: não há mais neles violência nem paixão alguma”.

Quanto a mim, creio poder encontrar o motivo desta preocupante anemia na desafeição dos cristãos de hoje pela oração e, principalmente, por essa forma de oração, encontro a sós do homem com seu Deus, que se chama oração interior. Naqueles que a negligenciam, a eficácia da Palavra de Deus e dos sacramentos está como que travada.

Por não procurarem alimento, por meio da oração interior, na força divina, esses cristãos debilitam-se na ação; por não contemplarem a grandeza de Deus, tornam-se pusilânimes; por não se elevarem até os pensamentos do Senhor, têm apenas uma visão míope dos problemas do mundo; por não se ligarem à energia criativa, são ineficientes. Numa palavra, quando não praticam a oração interior, os cristãos permanecem como presos a um estágio infantil.

---

1. *L'Anneau d'Or* foi uma revista de espiritualidade conjugal e familiar fundada pelo Padre Caffarel em 1945, cuja publicação cessou em 1967.

(...) Em todas as pessoas de oração cuja evolução pude acompanhar, constato, com efeito, uma afirmação da personalidade, uma maior serenidade, uma visão ao mesmo tempo mais ampla e mais realista dos problemas, uma eficiência multiplicada – para resumir, um crescimento da vitalidade humana e sobrenatural. Eles não se tornam perfeitos da noite para o dia, não são milagrosamente libertados de seus defeitos e limites. Apenas, tornaram-se maiores de idade.

Acrescentaria que somente essas pessoas estão verdadeiramente presentes no mundo – ainda que não lhes tenham sido dadas vastas responsabilidades na Igreja ou na sociedade. (“Enquanto nossos passos nos levam pelas ruas, nosso coração bate em uníssono com o mundo inteiro”, escrevia uma mãe de família). A presença, com efeito, é, antes de mais nada, de ordem espiritual. Lembrem-se de Moisés rezando no alto da montanha enquanto os Israelitas combatem na planície (Ex 17, 8 – 13). Ele está tão presente na luta que, enquanto mantém os braços levantados para o Todo-Poderoso, suas tropas se impõem ao inimigo; quando seus braços cansados se abaixam, seus homens parecem perder a energia e recuam. Enquanto não for essa a presença dos cristãos no mundo, eles serão apenas figurantes e não os verdadeiros atores na partida em que tomam parte.

(O Padre Caffarel volta ao problema de falta de tempo).

Terminando, não lhes vou esconder que sinto a consciência pesada por ter de advogar diante de vocês a causa da oração interior. Não será monstruoso ter de multiplicar os argumentos para convidar o filho a ir junto ao seu pai, abrir-se às suas confidências, viver na sua intimidade, exprimir-lhe seu amor e gratidão? E quando este Pai é Deus...”

**(“L’Anneau d’Or”, janeiro-fevereiro de 1949)**

### ***Primeiros conselhos a quem deseja praticar a oração interior***

Incitar a fazer a oração interior é a primeira etapa; aprender a fazê-la é a segunda – tarefa à qual o Padre Caffarel dedicou toda a sua vida - vide as suas obras, especialmente “Presença de Deus –

cem cartas de oração”, da qual ele mesmo extraiu esses conselhos para os casais das Equipes.

“Não procureis nestas páginas receitas de eficácia garantida; esforçai-vos, antes, por apreender o seu espírito”.

### ***Começar bem***

É uma verdade para a oração interior como para muitas outras atividades. É importante ter um bom começo. Faltando esse bom começo, após cinco minutos ficamos surpresos por nos encontrarmos ajoelhados num genuflexório: enquanto o corpo veio para orar, o pensamento ficou nos negócios.

Aconselho-os, pois, vivamente, a cuidar dos gestos e atitudes no início da oração interior. Uma atitude nítida e forte de pessoa desperta, presente a si mesma e a Deus; uma reverência profunda ou um sinal da cruz, lento, cheio de sentido. Vagar e calma são de grande importância para romper o ritmo acelerado e tenso de uma vida atarefada e apressada. Alguns instantes de silêncio - como uma freada - contribuirão para os introduzir no ritmo da oração interior e fazer a ruptura necessária com as atividades precedentes. Pode ser bom, também, rezar uma oração vocal, muito lentamente, a meia voz.

Tomem consciência então, não digo da presença de Deus, mas de Deus presente: um Deus vivo, o Grande Vivente, que está aí, que os espera, os vê, os ama. Ele tem a sua idéia quanto a esta oração que se inicia e lhes pede consentirem cegamente ao que Ele dela desejar.

### ***Atitudes interiores***

Cuidem das atitudes interiores mais ainda do que das do corpo. As atitudes fundamentais do homem diante de Deus são: dependência e arrependimento.

Dependência: não a vaga submissão daquele que de vez em quando deve renunciar a um projeto para fazer a vontade de Deus, mas uma dependência bem mais radical, a da torrente (que desaparece quando separada da fonte), do sarmento (que seca e apodrece quando separado da cepa), do corpo humano (que nem

sequer é um corpo, mas apenas um cadáver, quando rompido o elo que o une à alma).

Arrependimento: o sentido agudo da nossa indignidade profunda na presença da Santidade de Deus. Como São Pedro que de repente se prostrava diante de Cristo: “Afasta-te de mim, pois não passo de um pecador.”

Estas duas atitudes são importantes para preparar em vocês os caminhos do Senhor.

Com a alma assim disposta, peçam a graça da oração interior, pois, como já lhes disse, a oração é um dom de Deus antes de ser uma atividade do homem. Chamem humildemente o Espírito Santo, ele é o nosso Mestre de oração. Agora, podem adotar a atitude corporal mais favorável à liberdade da alma.

### ***Exercício das virtudes teológicas***

Assim preparada, a oração interior propriamente dita pode começar. O que esperam dela? Que Deus tome posse de vocês. E o único meio é recorrer às três grandes faculdades sobrenaturais que o Senhor nos deu precisamente para entrar em contato, em comunhão com Ele (é a razão pela qual são chamadas de virtudes teológicas): a fé, a esperança, a caridade. Em vocês, elas são dinâmismos sobrenaturais sempre prontos a atuar assim que vocês se voltarem para Deus.

Exerçam a sua fé. Não lhes peço especular sobre Deus, mas pensar n'Ele meditando o que Ele lhes diz sobre Ele mesmo pela Criação – onde tudo fala de suas perfeições - pela Bíblia, e sobretudo e em primeiro lugar por seu Filho, que se encarnou, viveu e morreu somente para nos revelar o amor infinito do Pai. É o grande mérito de um São Bernardo, dos franciscanos dos séculos XIII e XIV, de Santo Inácio de Loyola, ter lembrado às almas orantes que Jesus Cristo é, se assim podemos dizer, o grande tema de qualquer meditação.

O importante, contudo, não é pensar muito, mas amar muito. Tendo a fé colocado em movimento a caridade, exerçam-na. Novamente, acabo de utilizar o termo “exercer”. Não se enganem, eu não preconizo um voluntarismo desenfreado. O exercício da fé e da caridade deveria ser tão natural e flexível quanto a respiração.

Exercer a caridade consistirá não tanto em fazer surgir em vocês emoções, fervores e sentimentos, quanto em aderir com toda a sua vontade ao próprio Deus, em abraçar os seus desejos e interesses.

É também próprio do amor aspirar à união com aquele que amamos - e à felicidade que ela promete. Quando se trata de Deus, esta aspiração se chama “esperança”. Exercem, pois, também a esperança.

### **“Oração teologal”**

A oração tal como acabo de descrevê-la é chamada de “oração teologal”. É muitas vezes mal interpretada, como se fosse um passatempo para aposentados. Na opinião dos seus detratores, embora apropriada aos monges, não serve para os que estão engajados nos rudes combates da ação. Será? É preciso preocupar-se com a eficácia, dizem eles. Poderíamos responder-lhes que o louvor e a adoração primam em relação à ação. Ademais, para ficarmos apenas no plano da eficácia onde eles se situam, esse tipo de oração se defende sem dificuldade. “O agir segue o ser”, diziam os velhos escolásticos; ora, a oração teologal, por ser uma prodigiosa renovação do nosso ser reposto em contato com seu Criador, multiplica a nossa eficiência. Basta ler a vida dos santos, de uma Santa Teresa de Ávila, por exemplo, para ficarmos convencidos.

### **“Oração prática”**

Preconizar a oração teologal não é, contudo, condenar essa outra forma de oração chamada de “oração prática”. Não há motivo algum para opor esses dois tipos de oração; existe até grande proveito em aproximá-los e combiná-los.

Que seja necessário reformar nossa vida, refletir sobre nossas afeições, nossos pensamentos, nossos comportamentos a fim de retificá-los, é mais do que evidente. É esse, precisamente, o objeto da “oração prática”. Por que não seria essa a conclusão normal de uma oração teologal? O olhar de fé, após haver contemplado Deus, voltar-se-ia para a nossa vida; a caridade, após haver renovado a nossa intimidade com Ele, nos incitaria a servi-Lo em nossas tarefas quotidianas. Um de meus amigos nunca termina a sua oração in-

terior sem o que chama de “meditação sobre a agenda.” Ele abre a agenda, examina o seu dia, apresenta-o ao Senhor; enumera as pessoas que deve encontrar, e sua enumeração se torna intercessão.

### **Perseverar**

Pensarão vocês, ao término desta carta, que a oração interior é um exercício bem pouco simples, desanimador para aqueles cuja existência já é tão complicada? Não se demorem nesta impressão. Os atos mais vitais parecem complicados quando os analisamos: descer uma escada, respirar, amar; mas, para quem os pratica correntemente, eles se revestem de grande simplicidade. É justamente esta última palavra que designa uma forma de oração que conseguem alcançar aqueles que perseveram na oração: “a oração de simplicidade”.

Acrescentaria uma última observação antes de deixá-los. Assim como ninguém se torna marceneiro, músico, escritor da noite para o dia, também ninguém se torna orante sem um consciencioso aprendizado.”

*(Carta das Equipes de Nossa Senhora, setembro-outubro de 1970)*



### **Para a troca de idéias em casal (Dever de Sentar-se)**

- Cada um faça um levantamento dos 96 quartos de hora do dia: como utilizo o meu tempo? Conversar em casal: como podemos melhorar a maneira de empregar o nosso tempo – principalmente para dar mais espaço à oração – e como podemos nos ajudar um ao outro nesta evolução?
- A oração interior é um encontro face a face com Deus; o desejo de cada um é diferente: podemos nós abordá-lo e ver como poderemos nos entreajudar mutuamente a realizar este ponto concreto de esforço?
- Refletir sobre como a oração interior alimenta e ilumina a nossa vida.

## Para a troca de idéias em equipe



- Fazer uma partilha em que cada um explica porque e como ele faz a oração interior (lugar, duração, frequência, forma...), a maneira pela qual mantém seu desejo de oração (palestras, retiros, auxílio de um conselheiro...), a evolução de sua oração, e em que ela é um apoio para a sua vida e a sua ação no mundo.



## Oração para meditar na reunião (1 Ts 5, 16 – 24)

Quem não respira não pode viver.

“Ficai sempre alegres, orai sem cessar. Por tudo dai graças, pois esta é a vontade de Deus a vosso respeito, em Cristo Jesus.

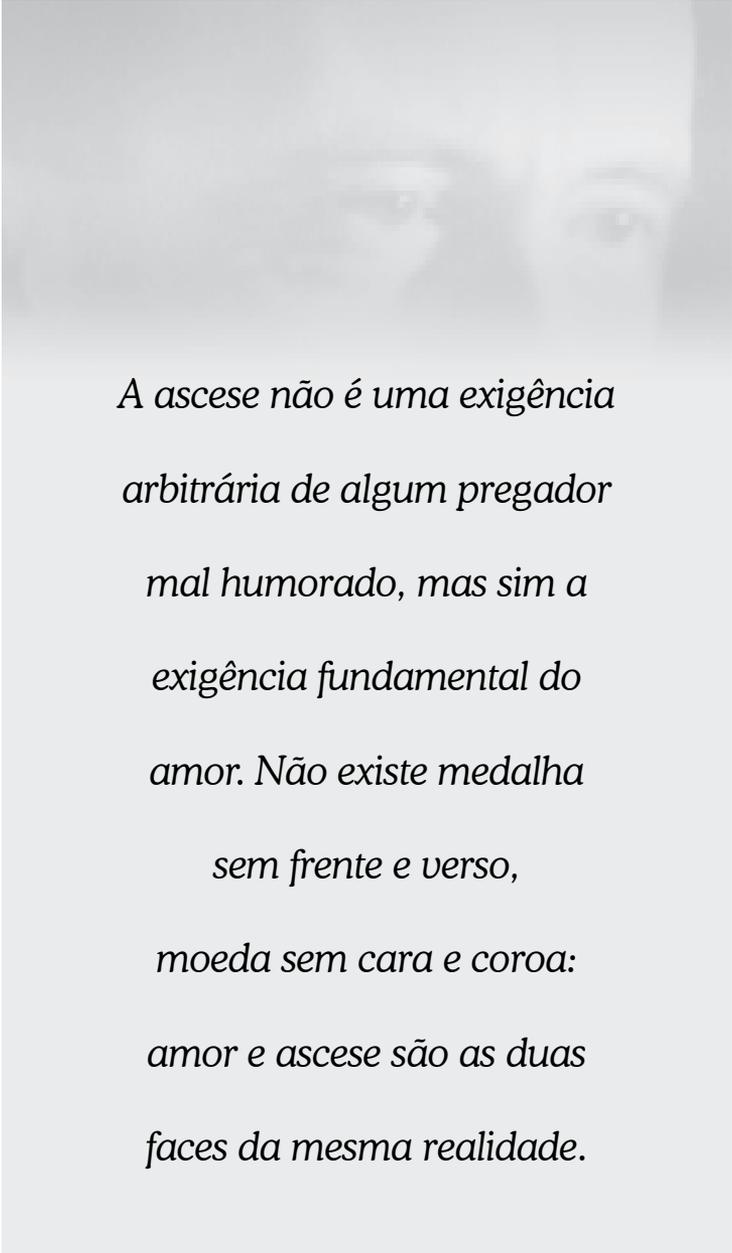
Não extingais o Espírito, não desprezais as profecias, discerni tudo e ficai com o que é bom. Guardai-vos de toda espécie de mal.

O Deus da paz vos conceda santidade perfeita: e que vosso espírito, vossa alma e vosso corpo sejam guardados de modo irreprensível para o dia da Vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quem vos chamou é fiel, é ele que vai agir.”

## Para viver o auxílio mútuo



Encontrar meios concretos para se estimularem uns aos outros a fazer a oração interior.



*A ascese não é uma exigência  
arbitrária de algum pregador  
mal humorado, mas sim a  
exigência fundamental do  
amor. Não existe medalha  
sem frente e verso,  
moeda sem cara e coroa:  
amor e ascese são as duas  
faces da mesma realidade.*

## Capítulo 4

# LUTAR

*No fim de sua vida, o Padre Caffarel admitia ter sido ingênuo, no início de seu ministério, ao subestimar a força do egoísmo e não recomendar suficientemente a ascese: “Insisti, com toda a razão, quanto à oração, dizia ele, mas tornei pessoas coxas ao não lhes fornecer o complemento indispensável para caminhar rumo à santidade: a ascese.” Ele percebeu rapidamente que o grande obstáculo ao amor - o egoísmo - deve ser vigorosamente combatido sob todas as suas formas (é esse um dos objetivos da “regra de vida”).*

### **Cruz ou alegria?**

Parece-lhe, em primeiro lugar, ser necessário apresentar um cristianismo autêntico, no qual a ênfase na Ressurreição – oportuna como reação diante de um período jansenizante (1948) – não leve ao esquecimento do papel da Cruz.

“A geração a que pertencem reencontrou certos valores essenciais. As palavras que sem cessar retornam em conversas e escritos dão testemunho disso: humanismo, alegria, amor, equilíbrio, encarnação, desabrochar, etc.

Vocês fazem questão destes valores. Em primeiro lugar, para vocês mesmos, mas também para os não-crentes que os cercam: vocês esperam que eles sejam seduzidos por esses valores e que assim consigam, senão a sua conversão, pelo menos a sua estima pelo cristianismo.

Não contesto que estes valores sejam autenticamente cristãos, mas o apego ciumento, suscetível, exclusivo, que por eles têm muitos dos nossos contemporâneos, parece-me suspeito. Não dissimularia ele a recusa de outros valores cristãos não menos autênticos, como a renúncia, a mortificação, a penitência, a cruz?

No resumo de um inquérito sobre as aspirações dos cristãos de

hoje podia-se ler a seguinte resposta: “Os santos modernos verão menos a pobreza, o rebaixamento deste Deus feito homem que a riqueza humana deste homem encarnando Deus, rico de uma mãe admirável, de amigos que o amam muito, de dons de inteligência, força, beleza física, autoridade moral a serviço de Deus. Os santos de amanhã serão menos penitentes que reis da Criação.” Convenham que esta frase parece indicar um certo desconhecimento da Cruz. Objetarão vocês que ela compromete apenas o seu autor e que eu estou sendo injusto ao generalizar? Acaso não seria ela verdadeira? Não seriam muitos a endossá-la?

Não esqueçamos as palavras de Cristo: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me” (Lc 9, 23), nem as de São Paulo: “Os judeus pedem sinais e os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo e para os gentios loucura.” (1 Cor 1, 22 – 23).

O equilíbrio cristão exprime-se pelo binômio paulino: Morte-Resurreição. Se eliminarmos ou subestimarmos um dos dois termos, deformaremos a espiritualidade cristã.

Vocês estão certos em querer apresentar aos não-crentes a face alegre e forte do amor e da fé. Não esqueçam, contudo, que a Paixão precede a Ressurreição, que a alegria é fruto da Cruz. “Aquele que não toma cada dia a sua cruz”, ou seja, aquele que não mortifica constantemente um egoísmo sempre renascente, que não acolhe os sofrimentos, pequenos ou grandes, como sendo meios de purificação, não oferecerá jamais o espetáculo de um amor radiante, de uma religião sedutora.”

*(Carta Mensal francesa de março de 1948)*

### **Desconfiem do Afonso**

A ascese é indispensável. Cuidado, porém, com seu sutil desvio para o farisaísmo.

É preciso prestar atenção a este severo convite à cautela.

“Saibam que uma grande ameaça pesa sobre vocês pelo fato de pertencerem às Equipes de Nossa Senhora. Ela pesa

sobre todos os que se agrupam para viver uma vida melhor. Foi sempre a maior preocupação daqueles que tomaram a iniciativa desse tipo de agrupamento. Essa terrível ameaça é o farisaísmo. Não o que se designa correntemente por este termo - uma "boa consciência", mais ou menos hipócrita - mas sim esse farisaísmo que arrancou de Cristo as impiedosas maldições que não conseguimos ler sem ficar impressionados.

Quem são esses fariseus dos quais Cristo nos diz que é pequeno o pecado das prostitutas comparado com o deles? Homens reunidos para proteger a sua vida religiosa de toda contaminação pagã, cheios de zelo para a meditação e a prática da Lei. Muitos deles, ao que parece, são pontuais no cumprimento de seus deveres religiosos e dos exercícios minuciosos que sua própria regra lhes impõe. Então, dirão vocês, por que merecem a ira de Cristo? É porque eles esperam ser salvos pela Lei, pela prática da Lei, ou seja, por si mesmos. A seu ver, é santo aquele que pratica perfeitamente a LEI. Assim, quando um salvador se apresenta, eles não sentem a necessidade de lhe estender a mão. Aí está o seu pecado imperdoável: o de serem justos por praticar a lei, de não sentirem a necessidade de ser salvos, o que equivale a pensar que a vinda e a morte do Cristo são inúteis. A prostituta, pelo menos, não se julga justa; ela percebe a necessidade imperiosa de ser salva.

Vêm vocês o perigo? Acreditar ser justo somente pelo fato de praticar a lei, e até de ir além dela! Pois bem, não, mil vezes não! Até mesmo aquele que dá todos os seus bens aos pobres pode ser apenas um tambor vazio e ruidoso, como diz São Paulo. Para ser justo aos olhos de Deus, não basta sujeitar-se a mandamentos, é preciso ter em si o Espírito Santo e a caridade que Ele difunde em nossos corações. Infeliz do homem virtuoso, zeloso, austero, heróico, se ele estiver satisfeito consigo mesmo, se não se reconhecer pecador, se não esperar, não clamar pelo Salvador. Bem esperto é o demônio: aqueles que ele não pode levar à perdição fazendo-os

cair, se não se precaverem conseguiu-lo-á melhor ainda ao encorajá-los a salvar-se por si mesmos, com as suas próprias forças; para ele, o importante é que eles acreditem não precisar ser salvos por um outro, por Deus, e não recorram a Ele.

“Senhor, eu vos dou graças porque não sou como aqueles, ladrões, adúlteros...” Assim rezava o fariseu da parábola. Cristo não nos diz que ele mentia. Nem que o publicano mentia ao se acusar por ser pecador. Entretanto, é o virtuoso que é condenado e o pecador salvo, justamente porque este último reconhecia precisar de um Salvador.

Será o que lhes digo um convite ao pecado? Com certeza não o é, mas sim um convite, por mais virtuosos que vocês sejam, para reconhecer que a sua virtude é irrisória se ela não for a irradiação do Cristo que habita em vocês, que a sua segurança é ilusória se ela não tiver Deus por fundamento. Um convite para deixar as Equipes? Sem dúvida, não, mas sim um convite a recorrer ao meio que pode salvar do farisaísmo: a oração. A oração autêntica é o único antídoto conhecido. Eis porque um agrupamento religioso que não for uma escola de oração é terrivelmente perigoso: não passa de uma fábrica de fariseus. (...)

Em verdade, se após dois ou três anos de vida de equipe vocês não aprenderam a orar, e se não dão à oração um lugar central em suas vidas, vocês não escaparão do farisaísmo: vocês verão aparecer pouco a pouco os sintomas do mal e ele atingi-los-á em pequenas etapas: a satisfação consigo mesmo, favorecida em primeiro lugar pela comparação com aqueles que os cercam e que são, sem dúvida, menos virtuosos que vocês; a boa consciência, que é uma esclerose espiritual; a convicção de ser um justo, quando não se passa de um “bem-pensante” - termo moderno para designar o fariseu -, a encoberta satisfação de constatar e estigmatizar os pecados dos outros. Concluindo, se, ao me ler, vocês não encontrarem estes sintomas em vocês, não estejam tão seguros de si.

A oração - e falo da verdadeira oração, prolongada -

possui uma virtude maravilhosa que nos leva à descoberta de Deus e de nós mesmos, da santidade de Deus e da nossa necessidade quotidiana de sermos salvos.

Se vocês têm conseguido orar como Santo Afonso de Liguori o fazia, então fiquem em paz, não há para vocês perigo imediato de farisaísmo: ‘Senhor, desconfiai do Afonso’, dizia ele, ‘ele é bem capaz de vos trair hoje.’ ”

*(Carta Mensal francesa de janeiro de 1958)*

### **Novamente a ascese**

*Então, o que é a ascese? Um esforço sistemático e perseverante para afastar os obstáculos ao amor e cultivar aquilo que o favorece.*

“Há conferências e artigos demais sobre a ascese e, por fim, os casais das Equipes, ao que me parece, acabam perdidos. Constatei-o agora mesmo ao falar com três dentre eles que me haviam questionado sobre o assunto. A conversa terminou com esta exclamação: “Se o senhor nos tivesse dito isso mais cedo!” Ora, “isso” é algo de bem simples.

Vou, portanto, ser simples, simplista mesmo, com vocês, como o fui com os meus três interlocutores daquele dia. Não para argumentar, mas para apelar para a sua experiência quotidiana.

Se vocês sabem amar, vocês sabem o que é a ascese. Os praticantes do amor são necessariamente praticantes da ascese. Pois a ascese não é uma exigência arbitrária de algum pregador mal humorado, mas sim a exigência fundamental do amor. Não existe medalha sem frente e verso, moeda sem cara e coroa: amor e ascese são as duas faces da mesma realidade.

Jamais progredirei no amor ao outro se não mortificar o meu amor por mim mesmo, enquanto este for egoísta e reivindicativo. Com efeito, não posso ao mesmo tempo dar e tomar, estar em profunda atitude de doação de mim mesmo e obedecer à minha cobiça, ser oblativo e captativo, engajar-me e resguardar-me, ter o meu pólo em mim mesmo e no outro.

A bem dizer, amor e egoísmo coabitam no meu coração; a sua coexistência, porém, não é pacífica: não vivem em harmonia, opõem-se; estão, abertamente ou não, em perpétuo conflito. A menos que assinem, com a minha cumplicidade, um protocolo de acordo para partilhar meu coração, minha vida. Mau negócio, aliás: cada um, insidiosamente, vai se esforçar por exterminar o outro. Amor e egoísmo tendem ambos à hegemonia.

Atenção! Ao me ler, não saiam correndo a especular. Voltem-se, antes, para dentro de si, como eu mesmo faço ao lhes escrever. Olhem, espreitem os movimentos do seu coração. Apliquem-se, ainda que por um só dia, a um impiedoso exame, não direi “de consciência”, pois a palavra irrita, mas “de coração”. E, à noite, estudem o traçado do seu “eletrocardiograma”.

Você ama a sua esposa, o seu marido, e deseja amá-lo sempre mais (pois já não existe amor num coração que diz “assim, já chega” e não deseje amar sempre mais e melhor). Ora, você constata que muitas coisas em você freiam, entravam, desaceleram o seu impulso de amor. Ao conversarem, é essa necessidade de não ceder, de sempre ter razão; quando toca o telefone, é a secreta esperança de que o outro vá atender primeiro; é o demônio do silêncio que o impede de entregar o melhor de si mesmo – durante a oração conjugal, por exemplo, ou então é o demônio tagarela que faz você falar de si mesmo enquanto cresce no outro a angústia secreta de jamais ser escutado. E todas essas impaciências, acaso será o amor do outro que as gera? Ao longo do dia, para que pólo ruma a agulha da sua bússola: a felicidade, o bem do outro, ou você mesmo? E nas suas relações sexuais?

Seria interessante, também, interrogar-se sobre as suas relações com os seus filhos. Quantas censuras são ditadas mais por amor-próprio ferido do que por uma verdadeira ternura! Paro por aqui, pois o campo é vasto demais...

Terei sido bem sucedido em mostrar-lhes que todo amor implica numa exigência de ascese, sendo esta entendida como uma preocupação, um esforço corajoso, leal, inteligente, metódico, perseverante para mortificar o egoísmo que, sem cessar,

aberta ou insidiosamente, faz obstáculo ao amor, e para cultivar em todos nós aquilo que nos fará chegar a um amor maior?

Ademais, se o amor humano exige a ascese, quanto mais o amor de Deus!”

*(Carta francesa das Equipes de Nossa Senhora,  
maio-junho de 1972)*



### **Para a troca de idéias em casal (Dever de Sentar-se)**

- A vida espiritual não se leva sem luta. Luta contra os inimigos interiores e exteriores; essencialmente, contra o egoísmo que, em nós, barra o caminho do amor. Ajudemo-nos em casal a olhar de frente a nossa vida, para nela detectar o que favorece o amor e o que o prejudica, e para modificá-la em consequência. Afinal, o que significa a ascese para o nosso casal?

### **Para a troca de idéias em equipe**



- Fala-se muito, hoje em dia, em “realizar-se”. Qual é, para o cristão, a verdadeira realização?
- Estará a nossa pertença às Equipes de Nossa Senhora nos levando ao farisaísmo, como receava o Padre Caffarel? Quais os sinais que nos permitem percebê-lo?
- Como lutar contra este farisaísmo?
- Como viver a ascese em outros ambientes, além do casal, da família, da equipe?



### **Oração para meditar na reunião (1 Cor 9, 24 – 27)**

“Os que vivem são os que lutam...”

“Não sabeis que aqueles que correm no estádio, correm todos, mas um só leva o prêmio? Correi, portanto, de maneira a consegui-lo. Todos os atletas se absterem de tudo; eles, para ganhar uma coroa perecível; nós, porém, para ganhar uma

coroa imperecível. Quanto a mim, é assim que corro, não ao incerto; é assim que pratico o pugilato, mas não como quem fere o ar. Trato duramente o meu corpo e reduzo-o à servidão, a fim de que não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado.”

### **Para viver o auxílio mútuo**



A Regra de Vida, nas Equipes de Nossa Senhora, é uma tradução concreta do esforço geral de ascese. A equipe pode procurar meios concretos para ajudar cada um na elaboração de sua regra de vida.

## Capítulo 5

### CONSTRUIR O CASAL

*As Equipes de Nossa Senhora foram fundadas para ajudar os casais a se construírem de maneira humana e cristã, apoiando-se nos recursos incomparáveis do sacramento do matrimônio. Trabalho de grande fôlego, a retomar sempre. Daí as exortações repetidas do Padre Caffarel.*

#### **São apenas pais**

*O casal é o fundamento sólido da família. É importante, pois, assegurar em primeiro lugar a solidez do casal e perseguir até o fim a consolidação do amor conjugal.*

“Um casal me dizia recentemente: “Nas Equipes de Nossa Senhora, não se acredita mais no amor. Nelas não mais encontramos esposos, mas apenas pais.”

Evidentemente, não considere essa observação por demais radical como uma tragédia. Perguntei-me, contudo, se ela não continha uma parte de verdade e conversei a respeito com um responsável do Movimento. De forma gentil e um tanto protetora, respondeu-me: “O senhor não espera que, casados há 15 anos, com 7 filhos, ainda nos comportemos como dois pombinhos? Isso não impede que nos entendamos bem”. Essa resposta de jeito nenhum me tranqüilizou: ele empregara justamente o verbo “entender-se” onde eu esperava “amar-se”.

As Equipes de Nossa Senhora repousam sobre uma determinada idéia do amor. Mais exatamente sobre a convicção profunda de que o amor conjugal é uma realidade magnífica: a obra do sexto dia coroando a pirâmide dos seres, o símbolo mais deslumbrante e essencial, aquele que revela a união de amor que Deus quer contrair com cada homem - que revela, e também realiza esta união. Gostaria de reproduzir aqui o meu artigo sobre o Mistério do Amor: “Vocação do amor”. Por favor,

se vocês chegaram ao estágio em que “se entendem bem”, releiam-no. Releiam pelo menos as frases da primeira página da Carta: “Os casais das Equipes de Nossa Senhora querem que o seu amor, santificado pelo sacramento do matrimônio, seja um louvor a Deus, um testemunho aos homens, demonstrando-lhes com toda evidência que Cristo salvou o amor.”

Principalmente, não mintam a si mesmos. Se não acreditam mais no amor, não chamem isso de sabedoria ou maturidade. Se o seu amor está adormecido, não apresentem como desculpa que muitas coisas são mais urgentes, mais importantes: a educação dos filhos que crescem, as responsabilidades sociais cada vez mais pesadas. Seus filhos têm uma necessidade imperiosa do seu amor: foi ele que os fez nascer, e somente ele poderá fazê-los crescer. Quaisquer sejam os sucessos e méritos que vocês tenham obtido, o seu próprio valor humano estará em perigo caso o seu amor diminua. Não se conformem depressa demais ao pensar que pelo menos vocês ganham em sua vida espiritual o que perdem em amor. Não se pode construir uma com as ruínas do outro.

O mundo que os cerca, também ele será frustrado se o seu amor esfriar. Este mundo, que não está longe de desesperar do amor - de uma certa qualidade de amor - e de afundar-se na matéria, tem direito ao seu testemunho. Ele precisa entrever o amor divino resplandecente de ternura humana, aprender de vocês que o Cristo veio salvar o amor. Este testemunho, vocês vão recusar-lhe?

P.S.: Não desconheço que o amor, ao evoluir, muda de aspecto. Assim, não lhes peço que se amem como o faziam aos vinte anos, mas sim com um amor a cada dia mais profundo. Que nunca aceitem o declínio do seu amor, que nunca chamem de maturidade do amor o que não passa de um enfraquecimento do amor.”

*(Carta Mensal francesa de março de 1952)*

## **“Será feito na medida da sua fé”**

*A peregrinação de mil casais a Roma, em 1959, é para o Padre Caffarel uma oportunidade para recordar a grandeza do matrimônio cristão e a imperiosa missão de difundir essa boa nova.*

“Acabo de voltar de Roma, onde fui abrir os caminhos para a nossa peregrinação.

Ao constatar o interesse e a simpatia suscitados pela notícia de que mil casais das nossas Equipes chegariam daqui a pouco à Cidade Eterna, eu procurava uma explicação para a impressão profunda que sempre causam os encontros de casais cristãos. Uma recordação me veio então: no último dia de nossa peregrinação a Lourdes, em 1954, os casais tinham ido à Gruta para saudar Nossa Senhora antes de partir. Um pouco afastada, uma religiosa idosa olhava a multidão de casais que chegavam apressados, a alegria estampada em seus rostos. Emocionada, a religiosa tinha os olhos cheios de lágrimas. Não sei bem o que ela pensava: talvez assistisse naquele momento a um milagre. Quinhentos casais, maridos e mulheres que se ajoelhavam juntos, oravam juntos e juntos se recomendavam à Imaculada, sim, certamente deveria parecer-lhe um grande milagre. E suas lágrimas eram uma homenagem à graça toda poderosa do Senhor que realiza tais milagres.

Com efeito, é realmente algo de belo um verdadeiro casal cristão, e é uma grande obra de Deus o brilho do Sacramento do Matrimônio, reflexo da imensa ternura que une o Cristo à Igreja.

Vocês correm o risco de se acostumarem com isso, de não mais se admirarem diante disso, de não mais louvarem a Deus por isso.

E principalmente, talvez por estarem cercados por alguns desses casais, vocês correm o risco de não mais ver a multidão de casais frustrados, dolorosos, alquebrados.

Ainda que os vejam, não correm vocês o perigo de esquecer que a grande infelicidade desses casais é a de não ter recebido a graça que vocês receberam: a de conhecer o Sacramento do Matrimônio e as suas riquezas? Ao lado deles, não sentem vocês o profundo mal estar de perceber-se rico em meio a uma multidão

de miseráveis? Será que lhes ocorre perguntar-se: por que nós, por que não eles? Esses milhões de casais que se unem a cada ano pelo mundo afora, cujo amor começara radioso e transbordante de promessas, bastaram alguns anos para que neles surgissem a decepção, a amargura, muitas vezes a falência. Sim, por que vocês, por que não eles? É porque eles não convidaram Cristo a estar presente entre eles, é porque, por mais desconcertante que pareça após vinte séculos de cristianismo, enorme quantidade de casais ainda ignora que Cristo veio salvar o amor humano ferido de morte pelo pecado, que Ele verteu o seu sangue por ele – e que este sangue vertido, é pelo sacramento do matrimônio que comunica aos esposos a sua eficácia. É preciso que lhes pareça intolerável essa ignorância por parte de tão grande multidão de homens, e que vocês sejam tão privilegiados. Essa “boa nova” da salvação do amor, é preciso que ela arda em vocês, que ela os torne ansiosos por transmiti-la, e que vocês façam tudo para que isso aconteça. E, em primeiro lugar, é preciso que vocês orem.

(...) Três condições, disse-nos Cristo, asseguram a eficácia da oração: crer nessa eficácia, unir-se para orar, dirigir-se ao Pai em nome de Jesus Cristo Nosso Senhor. Essas condições, sem dúvida, as preencheremos! Então, o que podemos esperar desses oito dias de intensa oração? É preciso que se transmita até os confins do mundo a grande notícia - Cristo veio para salvar o amor; é preciso que ela devolva a esperança àqueles que desesperam, que traga alegria aos lares que se fundam, que multiplique os casais em que maridos e mulheres se ajoelham juntos, adoram juntos, rendem graças juntos, juntos se oferecem a Deus, e juntos se colocam ao seu serviço.”

*(Carta Mensal francesa de abril de 1959)*

### **Uma “Igreja em miniatura”**

Ao falar uma vez mais do sacramento do matrimônio, o Padre Caffarel põe em relevo o que é o casal cristão (e a família): uma “pequena Igreja”. Donde o verdadeiro sentido da oração conjugal (e familiar).

“Toda vez que se quer aprofundar um aspecto da vida do casal ou da família, é preciso recordar o ensinamento da Igreja sobre o sacramento do matrimônio. A característica deste sacramento é que o seu sujeito não é o indivíduo como nos outros sacramentos, mas sim o casal enquanto casal. Com efeito, ele funda, consagra, santifica essa pequena sociedade, única em seu gênero, formada pelo homem e a mulher que se casaram. E essa é a única instituição natural que goza do privilégio de entrar na ordem da graça, de estar ligada, enquanto tal, ao Corpo Místico. Isso, com efeito, não pode ser dito nem de uma nação, nem de um mosteiro: os seus membros podem estar unidos ao Corpo Místico, mas não o agrupamento enquanto agrupamento. O casal, porém, ligado ao Corpo Místico, torna-se um ramo, um órgão desse Corpo, cuja vida o penetra e o sustenta. Ora essa vida, vocês bem o sabem, tem uma dupla orientação, ao mesmo tempo cultural e apostólica.

Ao longo das páginas que irão seguir, é este primeiro aspecto que vai chamar a nossa atenção. Partamos da noção do casamento cristão. Ele não é apenas o dom recíproco do homem e da mulher: é também o dom, a consagração do casal a Cristo. De agora em diante, neste casal que, ao se doar, se abre a ele, Cristo está presente; e é por esse motivo que São João Crisóstomo o chama de uma “Igreja em miniatura”. Essa presença, é verdade, já se verifica quando dois ou três estão reunidos em nome de Cristo (Mt 18, 20), mas, no caso do casal, há muito mais e melhor: um pacto, uma aliança - no sentido bíblico da palavra – entre Cristo e o casal. O que Yahvé dizia outrora: “Eu serei vosso Deus e vós sereis meu povo”, Cristo, por sua vez, o diz ao casal. Assim, unido ao casal, presente no casal, Cristo aspira a render graças a seu Pai, a interceder com e pelos esposos em favor do mundo inteiro...

O momento forte desse culto do casal é precisamente a oração conjugal. E, à noite, quando este homem e esta mulher oram, é a oração de seu Filho bem amado que o Pai dos Céus ouve, porque, em seus corações, é o Espírito de Cristo que inspira os seus sentimentos.

Enquanto não se alça vôo até essa altura, não se consegue apreender o sentido da oração conjugal, nem promovê-la. A sua

necessidade e a sua grandeza somente se explicam na perspectiva do sacramento do matrimônio. Resumindo, quando o Cristo une por meio de seu sacramento um homem e uma mulher, é para fundar um santuário - o lar cristão, no qual ele, Cristo, poderá celebrar, com o casal e por esse casal, o grande culto filial de louvor, adoração e intercessão que ele veio instaurar na terra...

E a oração familiar? Rapidamente, com efeito, o casal se torna família e a oração conjugal desabrocha então por si só em oração familiar. Eu não disse: a oração familiar substitui a oração conjugal, mas sim: a oração conjugal desabrocha na oração familiar. A distinção é importante, ela significa que, para entender o significado profundo da oração familiar, é preciso partir da oração conjugal.

O casal é uma célula da Igreja, já dissemos; ele vive da vida da Igreja: para a pequena célula como para a Igreja inteira, a primeira função é o culto a Deus. Nem por isso esqueço, entretanto, que o casal tem outra função, característica, específica: a procriação. Ora, essa procriação só se compreende bem, num casal cristão, em relação à sua missão cultural. Expliquemo-nos:

O grande objetivo da fecundidade, num casal cristão, é, ou pelo menos deveria ser, gerar e formar “adoradores em espírito e em verdade”, para que na terra prossiga o culto ao verdadeiro Deus. Enquanto, porém, os filhos não tiverem empunhado o bastão, fundando, por sua vez, um novo lar, a oração conjugal dos pais os associam a esse culto, desabrochando na oração familiar, como a seiva do tronco passa aos ramos para que gerem folhas, flores e frutos. A oração conjugal apodera-se das crianças fazendo-as cantar a glória do Senhor em nome do mundo inteiro. Assim compreendida, a oração familiar é muito mais que um comovente hábito: é verdadeiramente a atividade primeira, capital, fundamental da família cristã. É ela que distingue a família cristã de uma família não cristã. Em conseqüência, a oração familiar não será apenas a oração do pai ou da mãe, nem mesmo a oração dos dois, nem tampouco a oração das crianças, mas a oração de todos, unânimes, na qual ninguém é um mero espectador, mas na qual cada um participa ativamente.”

*(Carta Mensal francesa de março de 1962 – extraído de uma conferência)*



### **Para a troca de idéias em casal (Dever de Sentar-se)**

- Como ficou hoje o amor que tínhamos quando noivos? Como atravessou as diferentes etapas da nossa vida? Como o nosso sacramento do matrimônio nos tem ajudado?
- Damos a nós dois, como casal, o primeiro lugar entre todas as nossas missões: a de pais, de educadores, a do diaconato, do engajamento na sociedade, etc.?
- Sabemos nos reservar momentos de intimidade a dois: refeições, fins de semana? Sentimos a sua necessidade para o crescimento do nosso amor conjugal?
- Fazemos a oração conjugal? Sob que forma? Estamos ambos satisfeitos com ela? E a oração familiar?

### **Para a troca de idéias em equipe**



Este capítulo nos coloca no centro da “espiritualidade conjugal”: o caminho de santidade das pessoas casadas é o seu casamento consagrado por um sacramento, é o seu amor transformado pela graça de Cristo.

- Estamos nós bem convencidos de que Cristo nos une, que ele se comprometeu conosco quando nos comprometemos um com o outro, que ele nos acompanha em nossa caminhada conjugal? Que conseqüências práticas isso acarreta para nós? Que sentido isso dá ao nosso dever de sentar-se e à nossa oração conjugal?
- Temos tentado, e de que maneira, comunicar a outros casais essa “boa nova”?



### **Oração em equipe (Ef 5, 25 – 33)**

Este mistério é grande.

“E vós, maridos, amai as vossas mulheres como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a

Igreja, gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim também os maridos devem amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo, pois ninguém jamais quis mal à sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida, como também faz Cristo com a Igreja, porque somos membros do seu Corpo. Por isso deixará o homem o seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e serão ambos uma só carne. É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja. Em resumo, cada um de vós ame a sua mulher como a si mesmo e a mulher respeite o seu marido.”

### **Para viver o auxílio mútuo**



Organizar-se, em equipe, para que cada casal possa viver um momento a dois, cuidando nesse dia dos seus filhos, por exemplo.

## Capítulo 6

### CONSTRUIR A EQUIPE

*A equipe está a serviço dos casais. No nosso mundo pagânico, um casal cristão isolado é um casal em perigo. “Porque conhecem a própria fraqueza e a limitação das próprias forças, como também da boa vontade que os anima; porque a experiência de todos os dias prova-lhes o quanto é difícil viver como cristãos num mundo pagão; e porque depositam uma fé indefectível no poder do auxílio mútuo fraterno, decidiram unir-se em equipe.” (Carta das ENS). A equipe, contudo, somente poderá ajudar se for uma verdadeira comunidade cristã cujo cimento é a caridade.*

#### **Êxito da caridade**

A caridade, que o Novo Testamento designa pelo termo grego de ágape, é o amor, a própria vida de Deus, que Ele comunica aos seus filhos pelo batismo. É a marca característica dos filhos de Deus.

“Quero dizer-lhes hoje porque é tão importante que a caridade fraterna cresça sempre em suas equipes.

- 1°. Antes de mais nada, uma equipe de casais deve ser uma escola de caridade. Quando os casais se exercitam no auxílio mútuo e no amor fraterno, o seu coração aos poucos se dilata. E gradativamente, o seu amor atinge a casa, o bairro, o país, até alcançar as mais longínquas plagas.
- 2°. É importante construir uma igreja onde, um dia, irá morar o Cristo eucarístico. Não é menos necessário para a cristandade fundar equipes de caridade: é outra maneira de tornar Cristo presente no meio dos homens. Onde está o amor fraterno, lá está Jesus Cristo. “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu presente no meio deles.”
- 3°. Presença de Cristo, presença também da Igreja, A Igreja está presente onde os cristãos se amam. Obviamente, ela só estará presente numa comunidade de cristãos se essa comunidade,

por seu lado, quiser estar presente na Igreja e dedicada ao seu serviço.

- 4°. É extraordinário o poder dos cristãos quando estão unidos: “Se dois dentre vós estiverem de acordo para pedir o que quer que seja, em verdade vos digo, obtê-lo-ão de meu Pai que está nos céus!”
- 5°. O amor fraterno é uma fonte de excepcional fecundidade. Ao seu redor, o deserto começa a florir. Um pároco de periferia dizia-me: “Quando na minha paróquia uma rua me parece por demais poluída, peço a dois casais cristãos que se mudem para lá (isso era antes da guerra!) e dêem simplesmente o testemunho de seu amor fraterno. Depois de seis meses, os moradores dessa rua respiram um ar diferente.”
- 6°. Um êxito de caridade fraterna é uma mensagem de Deus aos homens. A sua mais importante mensagem. Aquela que revela a sua vida íntima, a sua vida trinitária. Não há discurso sobre Deus mais eloqüente e persuasivo do que o espetáculo de cristãos que “são um” como o Pai e o Filho são Um.
- 7°. Nada na terra glorifica mais a Deus do que um êxito fraterno, porque, como dissemos, nada há na terra que se pareça mais com Ele.

Seja essa a sua preocupação constante: fazer de sua equipe um êxito de caridade.

*(Carta Mensal francesa, novembro de 1950)*

### **“Reunidos em meu nome”**

*A verdadeira comunidade cristã é aquela que se reúne “em nome de Cristo”. É o que sublinha o Padre Caffarel após a peregrinação a Lourdes em 1954.*

“No último dia 6 de junho, dia de Pentecostes, após a conferência do Padre Féret, ao regressar ao hotel eu conversava com um de vocês numa rua de Lourdes. O meu interlocutor – equipista antigo – contava-me como ficara maravilhado com a qualidade dos

relacionamentos que se tinham estabelecido logo na primeira hora de conversa, no trem, entre os diversos membros de sua equipe de peregrinação que, na véspera, não se conheciam. Ele estava maravilhado, mas não encontrava a explicação. Dei-lhe então uma, que lhes transmito agora; talvez ela os ajude a compreender um aspecto essencial da sua vida de equipe.

As relações humanas são de tipos muito diversos: relações de parentesco, relações sociais, relações de amizade, etc. Cada uma delas tem a sua nota característica, a sua qualidade própria. Há, entretanto, outro tipo de relação humana, essa, especificamente cristã. O que lhe confere uma qualidade excepcional é o valor daquilo que se põe em comum: não só pensamentos, gostos, sentimentos humanos, mas a vida espiritual. Cristãos que amam Cristo e têm uns para com os outros a extraordinária confiança de deixar entrever a vida desse amor em seu íntimo, as alegrias, as dificuldades, as aspirações que ele gera. É isso que impressiona tanto: perceber em outros seres as vibrações da graça, as lutas e os consentimentos de uma alma tomada pela graça.

Há mais, ainda. A promessa de Cristo se realiza: “Quando dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles”. E, às vezes, acontece que a Presença misteriosa se manifesta: a paz, a alegria, a luz da abertura dos corações não podem ter outra explicação.

Não será essa qualidade de amor a explicação da sedução exercida pelas primeiras comunidades cristãs? “Vejam como eles se amam!” admiravam-se os que se aproximavam delas. A sua irradiação, depois de vinte séculos, ainda chega até nós.

É ambição do nosso movimento instaurar em cada equipe e em cada casal essa qualidade de relações humanas.

Oração em comum, partilha, co-participação, troca de idéias, são todos meios à sua disposição para poder encontrar-se ao nível das almas, “em nome de Cristo”, em Cristo. Grande é a tentação de contentar-se com o plano da amizade humana; é preciso reagir sempre: a amizade cristã é uma conquista.

O “dever de sentar-se”, a preparação do tema de estudos, são outros meios oferecidos, esses aos cônjuges, para ajudá-los a,

também eles, encontrarem-se em Cristo. São recursos de grande utilidade já que o respeito humano, a timidez, a avareza de coração, o quotidiano da vida, as reivindicações da carne, são obstáculos à união espiritual dos cônjuges. Quantos casais, e dos melhores, passam a vida inteira sem fazer a experiência dessa intimidade em Cristo; colocam tudo em comum, menos o que há neles de mais precioso: a sua vida em Cristo.”

*(Carta Mensalfrancesa, dezembro de 1954)*

### **Recobrar o Fôlego**

*Em seu penúltimo editorial, quase um testamento, o Padre Caffarel exprime todo o seu pensamento sobre o que deve ser uma Equipe de Nossa Senhora e uma reunião de equipe.*

“— O senhor viria falar a todas as nossas equipes reunidas?

— Sobre que assunto?

O meu interlocutor pensa por um instante, olha-me com um sorriso malicioso e responde: “Supondo-se, Padre, que o senhor morresse no dia seguinte de sua presença entre nós, que assunto gostaria de ter tratado pela última vez antes de deixar os casais das Equipes?”

Fico muito grato a esse equipista pela sua resposta. Ela obrigou-me a não somente meditar sobre a morte, como a rever em pensamento todos os temas que julgo serem os mais importantes a abordar diante de um auditório de equipistas:

- a espiritualidade conjugal: caminho para Deus, específico dos cristãos casados;
- a Carta: documento que, vinte cinco anos atrás, deu ao Movimento a sua direção espiritual, a sua estrutura e os seus métodos;
- a equipe, sucesso de caridade: o objetivo de tantas equipes;
- a psicologia dos pequenos grupos: quais as condições para que um grupo possa encontrar a sua coesão e manter o seu impulso rumo ao objetivo perseguido;
- o aprofundamento da fé – nessa época em que está tão ameaçada;

- a missão das Equipes de Nossa Senhora no mundo de hoje.

Cada um desses temas pareceu-me, por sua vez, impor-se como essencial. Por fim, optei por outro. As vésperas da morte, dispendo de pouco tempo, não podendo dizer tudo, é preciso deixar um testamento espiritual, considerações sobre o mais essencial. Resolvi, então, falar do significado cristão de uma reunião de equipe. Vou explicar.

A reunião mensal de uma equipe não deve ser definida somente pela sua estrutura, pelo seu espírito, pela amizade de seus membros, por seu desejo de que seja uma etapa na busca de Deus. Em primeiro lugar, é preciso reconhecer a sua substância sobrenatural e o seu mistério. Com efeito, ela deveria ser uma realidade bem diferente de uma reunião meramente humana. Ela pode ser entendida a partir dos versículos de São Mateus: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18, 20). “Em verdade, ainda vos digo: se dois de vós estiverem de acordo na terra sobre qualquer coisa que queiram pedir, isto lhes será concedido por meu Pai que está nos Céus” (Mt 18, 19).

Aí, no meio desses casais reunidos na sala de um apartamento, está a presença real do Ressuscitado, vivo, atento a todos, amando cada um tal qual é, com o que nele há de mal e há de bem, com pressa de ajudá-lo a tornar-se o que espera que seja. Ele está aí como na noite da Páscoa, na câmara alta de Jerusalém, apareceu de repente a esses outros equipistas – os apóstolos. Soprou neles e disse: “Recebam o Espírito Santo”. E eles tornaram-se homens novos. Também no meio dos casais, Jesus Cristo não deixa de insuflar o seu Espírito. E aqueles que se abrem a esse Sopro – aprende-se aos poucos a abrir-se a Ele – tornam-se as criaturas desse Sopro. E a reunião se desenrola, animada pelo Espírito. A esses homens e essas mulheres que, ao final de um dia estafante, chegam muitas vezes esgotados, cheios de preocupações, esse Espírito comunica a dupla paixão de Cristo: a sua impaciência pela glória do Pai e a sua ardente e doce compaixão pelas multidões “que são como ovelhas sem pastor”.

O que acabo de dizer não é o que acontece sempre, mas o que

deveria acontecer. Pois uma reunião de equipe que não for em primeiro lugar um esforço comum para encontrar Jesus Cristo é uma reunião qualquer e não uma reunião de Equipe de Nossa Senhora.

Encontrar Jesus Cristo significa, em primeiro lugar, pôr-se à escuta d'Aquele que sabemos estar presente. Pois bem, Ele nos fala nas Escrituras – por isso amamos essa palavra de Deus. Ele nos fala por intermédio dos ensinamentos que a Igreja elaborou pouco a pouco, a partir de sua meditação da Bíblia. Ele nos fala do fundo do coração desse irmão ou dessa irmã, mas, muitas vezes, é preciso compreender além das palavras. Ele fala de diversas maneiras ao longo da reunião, mas é preciso que tenhamos “um coração que escuta”, conforme a expressão bíblica. Ele fala para fazer confidências a cada um de nós, para revelar o seu Pai e o grande propósito do seu Pai, para convidar-nos à conversão (nunca terminamos de nos converter), Ele fala para nos impelir a socorrer os outros... Ele fala, e temos a impressão de que tudo isso é muito difícil de pôr em prática. Por isso, Ele não se limita a falar, mas transforma os que confessam a sua impotência, dando-lhes o Espírito de Força que fez com que meros camponeses da Galiléia se tornassem incansáveis testemunhas do Salvador.

E eis o problema: vocês vão considerar tudo o que acabo de dizer como exortações piedosas e edificantes ou a Realidade da reunião de equipe? “Será feito na medida de sua fé”: o que Cristo dizia aos discípulos da Palestina, Ele no-lo diz outra vez no começo de cada reunião.

Houve um tempo, nas Equipes de Nossa Senhora, e foi um tempo de grande vitalidade do Movimento, em que se falou muito do que se chamava de “a pequena ecclesia”. Essa palavra “ecclesia” era muito apreciada porque tinha o mérito de assinalar o caráter original de uma reunião de cristãos em nome de Jesus Cristo. Não falava São Paulo da “ecclesia” que se reunia em casa de Áquila e Priscila, casal a que ele estava tão afetuosamente ligado?

E se me perguntarem o que permite designar pela mesma palavra, “ecclesia”, a grande Igreja de Jesus Cristo e uma pequena reunião de fiéis, responderei, por não poder desenvolver o meu pensamento mais extensamente: o pequeno grupo cristão é realmente

uma célula de Igreja. Ora, a célula vive da vida do corpo: em cada célula do meu corpo, minha alma está inteiramente presente e viva. Da mesma forma, em cada célula da Igreja, em cada “ecclesia”, a alma da grande Igreja está presente, viva, impaciente por dispensar e espalhar todas as suas virtualidades de santificação.

Que salto para diante dariam as nossas equipes, se todas percebessem plenamente essa visão da reunião mensal... e a vivessem”.

*(Carta Mensal das Equipes de Nossa Senhora,  
março-abril de 1973)*



### **Para a troca de idéias em casal (Dever de Sentar-se)**

- Já experimentamos, por ocasião de encontros das Equipes de Nossa Senhora, a qualidade de relacionamento da qual fala o Padre Caffarel? Que explicação damos a esse fato? Vemos aí uma dimensão suplementar para a nossa vida de equipe?
- A participação em nossa equipe é para nós uma dimensão fundamental da espiritualidade de nossa vida de casal? Refletir sobre o nosso desejo de ir à reunião da equipe, sobre a nossa motivação, a nossa preparação à reunião, a seriedade da nossa presença, a nossa escuta e o nosso acolhimento aos outros, os frutos recebidos, os dons oferecidos.
- O que devemos modificar para que, na reunião da equipe, sejamos mais do que amigos, isto é, irmãos em Jesus Cristo?

### **Para a troca de idéias em equipe**

- A equipe, “êxito de caridade”; a equipe, “pequena ecclesia”... Será que nossa equipe apresenta alguns traços dessa comunidade cristã ideal? Será que, pelo menos, ela se esforça por realizá-la? Examinemos as diferentes partes da reunião para verificar como poderíamos vivê-las à luz do que foi descrito acima.
- Podemos também interrogar-nos sobre a evolução da equipe ao longo dos anos (principalmente, se **os anos forem**



muitos). E também perguntar-nos: no estágio em que nos encontramos, o que Deus espera de nossa equipe?



### **Oração para a reunião (Cl 3, 12-17)**

Acima de tudo, a caridade.

“Portanto, como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de compaixão, de bondade, humildade, mansidão, longanimidade, suportando-vos uns aos outros com amor, e perdoadando-vos mutuamente, se alguém tem motivo de queixa contra o outro; como o Senhor vos perdoou, assim também fazei vós. Mas sobre tudo isso, revesti-vos da caridade, que é o vínculo da perfeição. E reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual fostes chamados em um só corpo. E sede agradecidos.

A Palavra de Cristo habite em vós ricamente: com toda a sabedoria ensinai e admoestai uns aos outros e, em ação de graças a Deus, entoem vossos corações salmos, hinos e cânticos espirituais. E tudo o que fizerdes de palavra ou ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, por ele dando graças a Deus, o Pai.”



### **Para viver o auxílio mútuo**

Ao constataremos a qualidade do relacionamento e a contribuição das Equipes de Nossa Senhora, sentimos a preocupação de propor essa riqueza a outros casais? Podemos todos ser um “casal de informação”.

## Capítulo 7

### VIVER O QUOTIDIANO

*O Evangelho deve penetrar, aos poucos, em nossa vida e em todas nossas atividades. Será este o caso para nós? Como não podemos examinar todos os aspectos – o que devemos fazer, em casal e em equipe – vamos considerar três campos importantes: a educação dos filhos, o trabalho e o lazer.*

#### **Quem é o meu próximo?**

*Em primeiro lugar a educação. Os exemplos são um pouco antigos, mas a lição fundamental permanece.*

“Estou aterrorizado pela falência da educação em tantos lares cristãos, pelos dramas, pelos naufrágios de que sou testemunha ou confidente. Longe de mim pretender que esses fracassos sejam todos imputáveis aos pais! Sinto uma profunda compaixão por todos aqueles que, sem ter falhado em sua tarefa educativa, são cruelmente provados em seus filhos. Em muitos casos, porém, parece-me ser por demais fácil e injusto atribuir toda a culpa à “nova onda”. E o tom de amargura agressiva com o qual tantos pais acusam os seus filhos parece-me revelar a necessidade de quererem calar em seu íntimo uma voz interior que ameaça a sua convicção.

A vocês, casais jovens que me lêem, peço, não pensem logo: não há perigo que o nosso garoto nos informe um dia, mediante uma mensagem de uma praia distante, que ficou noivo de uma moça que não conhecemos, como aconteceu com o filho de amigos nossos; educado na retidão e na honestidade, não há perigo que entre num grupo de colegas assaltantes, ou que engravide uma menina de quinze anos e a acompanhe numa clínica escusa para eliminar as conseqüências; que a nossa filha se deixe arrastar por um bando e escape na última hora das redes dos proxenetas; que o nosso filho seja desencaminhado por um indivíduo introduzido em nossa casa sem suficiente discernimento...; que nossa filha universitária venha

aderir; mais por revolta contra a família do que por convicção, a um partido extremista,

Todos os casos de que tive conhecimento nos últimos meses envolvem casais como vocês, isto é, cheios de fé, praticantes, ciosos de progresso espiritual e de apostolado. Não posso, contudo, deixar de me perguntar se esses pais tinham entendido que se tenham casado em primeiro lugar para ter filhos e fazer deles filhos de Deus, que os seus filhos eram o seu primeiro próximo, que assegurar a sua educação era a sua primeira responsabilidade, que a educação é, antes de mais nada, uma questão de amor.

E, se tinham entendido que era preciso amar os seus filhos, não teriam tropeçado diante das exigências do amor? Será que procuraram descobrir e compreender a personalidade única de cada um dos seus filhos – não uma vez por todas, mas diariamente, já que todo ser vivo renova-se a cada dia. E para ajudar o crescimento dessa personalidade, souberam eles unir a coragem de mandar, de proibir e de castigar a essa difícil arte de favorecer a eclosão e o desenvolvimento de uma liberdade? Estiveram eles presentes junto aos seus filhos – falo dessa presença espiritual que, ao preservar de uma solidão angustiante, oferece segurança? Cuidaram eles de manter o diálogo, não só das vozes, mas também o das inteligências e dos corações? Estiveram eles disponíveis na hora em que um jovem prestes a se afogar procurava um tronco para agarrar? Tudo isso exige tempo, imaginação, inteligência, caráter, coração, um espírito de humildade e de abnegação. É preciso amor, um amor autêntico; ora, o amor dos pais por seus filhos muitas vezes não passa, embora não o reconheçam, de uma afeição visceral, sentimental, misturada com o amor de si próprios. E não basta que essa afeição seja acompanhada de dedicação, aceite sacrifícios, recorra à oração para tornar-se, pela abertura mútua e confiança recíproca, essa intimidade de pessoa a pessoa que configura o verdadeiro amor.

Jovens casais, sejam vigilantes, afastem as desculpas, não cedam à tentação de atribuir a sentimentos nobres as suas negligências, os seus abandonos em matéria de educação: as responsabilidades profissionais e sociais, por mais importantes que sejam, as exigências do apostolado não justificam nunca a demissão de um pai ou de

uma mãe.

Que seja difícil amar verdadeiramente, que seja difícil o seu ofício de educadores, eu o admito; que o mal ronde em volta dos seus filhos, “procurando a quem devorar”, bem o sei. Então, por que não se desvelar junto a Deus, e perseverar? Há graças, nos diz Jesus, que só se obtêm, demônios que só se expulsam, pela oração e pela penitência. “Não há redenção sem efusão de sangue”, escrevia São Paulo. Ora, precisamente, a educação cristã é uma redenção.

Que o auxílio mútuo, essa lei fundamental de sua equipe, atue plenamente nesse campo da educação. Se é verdade que vocês não devem colocar na mesa irrefletidamente os problemas dos seus filhos moços, resta, contudo, uma margem bem grande para o auxílio mútuo.”

*(Carta Mensal francesa,  
novembro de 1960)*

### **Aos pais**

Ainda a educação, com uma séria advertência aos pais. Entretanto, nestes tempos em que a maioria das mães de família trabalha, não será ela válida também para as mães?

“Poderíamos, por vezes, lastimar que Deus, ao decidir a maneira de transmitir a vida na espécie humana, não tenha optado pela partenogênese! As crianças não sentiriam então a falta de um pai. Contudo, a verdade é que, nesses lares todos em que os pais estão moralmente ausentes, elas estão perturbadas, de forma mais ou menos grave – bem o sabem os psiquiatras!

Temo que em nosso Movimento haja um número demasiadamente grande de lares desse tipo, a crer as confidências de esposas e de jovens.

Para um pai, é tão fácil encontrar bons motivos, motivos tranquilizadores: um trabalho profissional desgastante, do qual regressa à casa tarde e cansado, incapaz de agüentar o barulho das crianças e as suas incessantes perguntas – que não interessam a um homem com as suas responsabilidades sociais! E o jornal que é preciso ler,

as saídas à noite, os fins de semana para ir à pesca, ou melhor, a reuniões de apostolado. E, no período de férias, são os filhos que estão fora. Se, porventura um dia, pais e filhos estão todos em casa, permanecem juntos, em grupo, ou então, cada um vai para o seu lado. Raramente, vê-se um pai passeando a sós com um de seus filhos. Suspeitará ele dos dramas que, por vezes, torturam o coração ou a consciência de um adolescente?

Que devastação não provoca na alma dos filhos essa demissão do pai, mesmo quando a mãe faz tudo o que pode para supri-la? Pois a atuação do pai é insubstituível para o desenvolvimento harmonioso da sua inteligência, do seu julgamento, da sua afetividade, da sua consciência, da sua vida religiosa, indispensável à “estruturação” equilibrada da sua personalidade humana e religiosa.

É inegável que os chefes de família têm frequentemente uma vida sobrecarregada. Isso não impede, porém, que o filho tenha um direito imprescindível à ação educadora de seu pai. Penso, aliás, que essa é mais uma questão de amor, de disponibilidade de coração, de espírito aberto do que de tempo, de qualidade de presença que de quantidade. Também conheço pais muito absorvidos por suas responsabilidades profissionais, sociais e apostólicas que são, entretanto, pais maravilhosos.

Será preciso acrescentar que o próprio pai é o primeiro beneficiário do cuidado que dedica à educação dos seus filhos? Com efeito, o exercício consciencioso e cristão do ofício de pai é um excelente meio para progredir na renúncia e no amor. Também é o apostolado número um.

Quando a Igreja ensina que o fim primordial do matrimônio é a procriação, ela quer, é claro, falar da geração dos filhos mas, mais ainda, da sua educação.

Para terminar, convido-os a ler o texto, singularmente evocador, do grande romancista francês, Roger Martin du Gard, que se encontra no número especial de L'Anneau d'Or: O Pai:

“Dele, o que conheci?... pensava. Uma função, a função paterna. Um governo de direito divino que exerceu sobre mim, sobre nós, por trinta anos; conscienciosamente, aliás: rude e duro, mas pelo bom motivo; ligado a nós como a obrigações... Que mais conheci?”

Um pontífice social, considerado e temido. Ele, porém, o ser que era quando se encontrava a sós em presença dele mesmo, quem era? Não sei. Nunca expressou diante de mim um pensamento, um sentimento, em que pudesse ter visto algo de íntimo, algo que tenha sido verdadeiramente, profundamente seu, afastadas todas as máscaras...

E de mim, que sabia ele? Ainda menos! Nada! Qualquer colega de escola, perdido de vista há quinze anos, sabe mais a meu respeito! Quando nos encontrávamos um diante do outro, lá estavam, face a face, dois homens do mesmo sangue, da mesma natureza, e entre esses dois homens, entre esse pai e esse filho, nenhuma linguagem para se comunicar, nenhuma possibilidade de troca: dois estranhos.”

*(Carta Mensal francesa, maio de 1963)*

### **O dever de competência**

*Depois da educação, um vasto campo a ser evangelizado é o da atividade profissional. Essa evangelização pressupõe uma base humana – a competência.*

“Ao término de um dia de retiro, um amigo médico me confiava: “Tomei a decisão de dedicar duas horas a mais por semana à leitura de revistas médicas.”

Se até então ele tivesse negligenciado rezar todos os dias, eu teria certamente preferido ouvir que ele resolvera dar em sua vida um lugar à oração. Mas não era o caso: o meu amigo vai à missa todas as manhãs e encontra, em sua vida superocupada de médico parisiense, o tempo de fazer uma visita diária ao Santíssimo Sacramento. Assim, fiquei muito feliz com a sua decisão, muito mais que se ele tivesse adotado uma devoção adicional, e felicitei-o calorosamente.

Muitos médicos, acredito, lêem revistas médicas. São levados a isso por motivos vários: ambição, amor à ciência, dedicação aos seus doentes. Que a resolução do meu amigo tenha sido inspirada pela fé e pela oração, eis o que merece reflexão.

Há, com efeito, um dever de competência. Muitos cristãos se esquecem disso, acreditando provavelmente que basta por si mes-

ma a devoção. M. P. Chanson fez deles um retrato pitoresco num caderno da A.M.C.\*:

“Um empresário cristão, honras lhe sejam dadas, tornou-se devoto. Mas ei-lo com ciúmes do recolhimento monacal. Sua profissão lhe pesa: para que enriquecer? É inteligente, diplomata, bom orador. Pedem-lhe que aceite a presidência do seu sindicato. Céus, nem pensar! Seria oportunidade de orgulho. Ele leu e releu que cinco minutos de oração interior valem mais do que vinte anos de vida ativa. Ora, graças ao seu judicioso esquema de trabalho, consegue dedicar uma hora à oração; amanhã serão duas, talvez três. Com exceção do hábito, é um monge. Como iria comprometer a sua espiritualidade na balbúrdia das assembléias? Já basta que a sua mulher e seus filhos interrompam a sua meditação, além da enfadonha rotina dos negócios! Ah, se ele estivesse só no mundo, contentar-se-ia com a alimentação dos cartuchos. Por que não pode levar os seus a viverem isso? O lar, filial do convento: é o seu sonho!”

São erros de conduta desse tipo que acabam por tornar suspeitos os propósitos ou as revistas de espiritualidade. Acredita-se que falar aos leigos de vida interior, de união com Deus é encorajá-los a desconhecer as suas responsabilidades e abandonar as suas obrigações familiares, profissionais, apostólicas: estará aquele que cuida de Deus ainda apto a cuidar das coisas da terra? Não se entende que a vida espiritual dos leigos não consiste em brincar de monge, mas em viver a caridade no seu próprio estado de vida; que precisamente esta caridade faz com que seja um dever dedicar-se às suas tarefas com uma competência sempre maior, competência essa, por si só, uma forma de caridade.

Ser competente é, com efeito, amar os seus irmãos. Aquele que aplica a sua inteligência e as suas forças a descobrir os segredos da natureza ou elaborar melhores leis para a sua cidade, aquele que se torna capaz de socorrer os corpos sofredores ou diminuir a dor dos homens, não está ele a praticar o amor fraterno?

Ser competente é, ainda, amar a Deus. Aquele que mais o ama não é o que brada: “Senhor, Senhor...”, mas sim o que faz a sua

\* A “Association du Mariage Chrétien” foi fundada entre as duas guerras pelo Pe. Viollet.

vontade e colabora com a sua obra. Pois Deus confiou nos homens a ponto de precisar da sua colaboração: a terra não produzirá safras sem o trabalho do lavrador, a criança não se tornará um homem sem a educação. Contudo, sem competência, lavradores e pais não passarão de míseros colaboradores.

Amar o Senhor, é ainda dar testemunho dele. Ora, em certos meios, o cristão competente é a única testemunha de Deus a ter autoridade. Onde a predicação não é ouvida, a virtude não é compreendida, a competência muitas vezes se impõe. Se uma assistente social, um agricultor ou um professor for competente, os que o cercam, conquistados pelo prestígio dessa competência, são atraídos para o homem e, às vezes, para Deus presente no coração desse homem. Com efeito, fica-se admirado: então o cristão não está somente à procura do céu! Ele também se apaixona pelos problemas sociais, pela arte, pela ciência! Será que o Deus dos cristãos se interessa realmente por nosso planeta, por nossos probleminhas humanos? A apologética da competência, mais ainda, quando acompanhada da apologética da dedicação, pode ter êxito onde as outras falharam.

Amigos, quando praticarem o “dever de sentar-se”, interroguem-se sobre o dever de competência.”

*(L'Anneau d'Or, setembro de 1946)*

### **Férias: tempo forte ou tempo fraco?**

*Outro campo de sua vida a examinar: o do lazer. Estará Deus presente nele?*

“Antes de mais nada, o que são férias? Com certeza, eu as definiria como um tempo de interrupção do trabalho habitual, escolar, profissional, doméstico. Logo percebemos, porém, que escolares e maridos geralmente gozam férias, o que nem sempre é o caso para as mães de família, que, no entanto, precisam delas tanto quanto os outros membros da família, e por vezes, mais do que eles – observação que faço na intenção dos maridos...”

Na volta das férias, pude constatar muitas vezes nos pais o

que os professores constatarem nos alunos: uma diminuição da qualidade espiritual (não emprego aqui a palavra “espiritual” no sentido estrito de vida religiosa). As molas estão distendidas.

Implicaria um aumento de vitalidade física necessariamente numa diminuição de vitalidade espiritual? Isto seria bastante decepcionante, mas não está nem um pouco provado.

De onde viria essa diminuição? Seria do abandono forçado ou aceito dos exercícios religiosos habituais? Talvez, mas não necessariamente. Não reside aí, ao que me parece, o primeiro motivo do enfraquecimento. Ele é de ordem interior: nas férias, damos férias ao amor, tomamos como regra de vida: o que me agrada? Jogos, sono, passeios, leitura, tudo é comandado por esta lei soberana. Entendam-me bem: não é descansar, relaxar, praticar esportes que me parecem repreensíveis – é a motivação: porque me agrada. Donde decorre uma perpétua atenção a si próprio, e, portanto, inatenção a Deus e aos outros; donde uma preferência por si em detrimento da preferência pelos outros. Enquanto, no resto do ano, quando temos poucas ocasiões de fazer o que nos agrada, nos esforçamos por fazer a vontade de Deus – se não sempre vista como vontade de Deus, pelo menos, como obrigação – eis que, iniciadas as férias, invertemos a marcha. Como se, para descansar de ter amado e servido Deus e os outros durante onze meses, pudéssemos afinal amar-nos a nós mesmos e servir-nos a nós mesmos. Dá-se férias ao amor e o egoísmo assegura a interinidade.

Aí está o erro. Não há férias para o amor. Deixam vocês de respirar durante as férias? Não deixem pois de amar, porque o amor é a respiração da alma.

Vocês fazem bem em interromper as suas atividades habituais, mas façam-no precisamente porque é a vontade de Deus, e na medida em que o é, por amor a Deus. Que o amor permaneça desperto, alerta, vigilante, solícito. Que o seja mais ainda do que de costume. Respirai a plenos pulmões, amai a pleno coração! A alma, como o corpo, precisa refazer-se, renovar-se; ora, é o amor que recria a alma. E as férias são – devem ser – precisamente um tempo durante o qual é mais fácil amar, amar

a Deus e amar os outros. É mais fácil amar a Deus, porque a criação mostra a glória de Deus. É mais fácil amar os outros, porque saímos da vida frenética, e podemos, com calma, juntos, descobrir, maravilhar-nos, ler, conversar demoradamente... É um tempo em que é mais fácil amar: precisamos pois exercitar-nos a amar mais, amar melhor. As férias responderão então à sua razão de ser: serão re-criação, e não só recreação. Elas recriam cada um de nós. Elas recriam os laços entre a alma e Deus, entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs. Elas permitem criar novos laços com os habitantes do povoado, com os parentes e amigos encontrados...

De volta à casa, podemos retomar o trabalho: a alma está fortalecida, a vitalidade aumentada.

As suas férias serão um tempo forte no ano, porque vocês terão feito delas um tempo para amar.”

*(Carta Mensal francesa, julho de 1955)*



### **Para a troca de idéias em casal (Dever de Sentar-se)**

À sua escolha, poderão tratar de um dos três assuntos apresentados (ou os três, se forem corajosos).

#### **1) A educação**

- Como concebemos a divisão das responsabilidades ou a co-responsabilidade na educação dos filhos?
- Como evoluiu no tempo a nossa visão da educação?
- Refletimos sobre o nosso relacionamento com filhos e netos. Quais as nossas aspirações para eles? Como ajudar-nos a progredir na sua escuta? Que meios encontrar para ajudá-los a crescer, em particular no campo espiritual?

#### **2) Dever de competência**

- O que significa para cada um de nós o dever de competência, quer dentro ou fora do lar, quer sejamos jovens ou aposentados?
- Como podemos ajudar-nos um ao outro nesse campo?

### 3) Lazer

- Como organizamos o nosso lazer? As nossas férias? Quais os critérios da nossa escolha? Preocupamo-nos com o que o nosso cônjuge espera ou deseja?
- Aceitaríamos dedicar uma semana de nossas férias a uma sessão de formação ou a um retiro? Qualquer seja a resposta, examinemos juntos a sua motivação.

#### Para a troca de idéias em equipe



- A nossa interrogação fundamental volta-se para o nosso “estilo de vida”: será ele conforme aos valores evangélicos – ou foi mais ou menos contaminado por valores pagãos? Isto é, será que vivemos realmente como cristãos? Está toda a nossa vida marcada por nossa pertença a Cristo?
- Sem dúvida, não é fácil fazer morrer o “velho homem” (isto é, o egoísmo) para nos revestir do “homem novo”. É um trabalho de longa duração; mas, tendemos, pelo menos, para ele? Como se verifica isso em todos os aspectos da nossa vida: a educação, os relacionamentos, o trabalho profissional ou doméstico, o lazer, etc.?



#### Oração para meditar na reunião (Ef 4, 17-24)

Uma vida nova em Cristo.

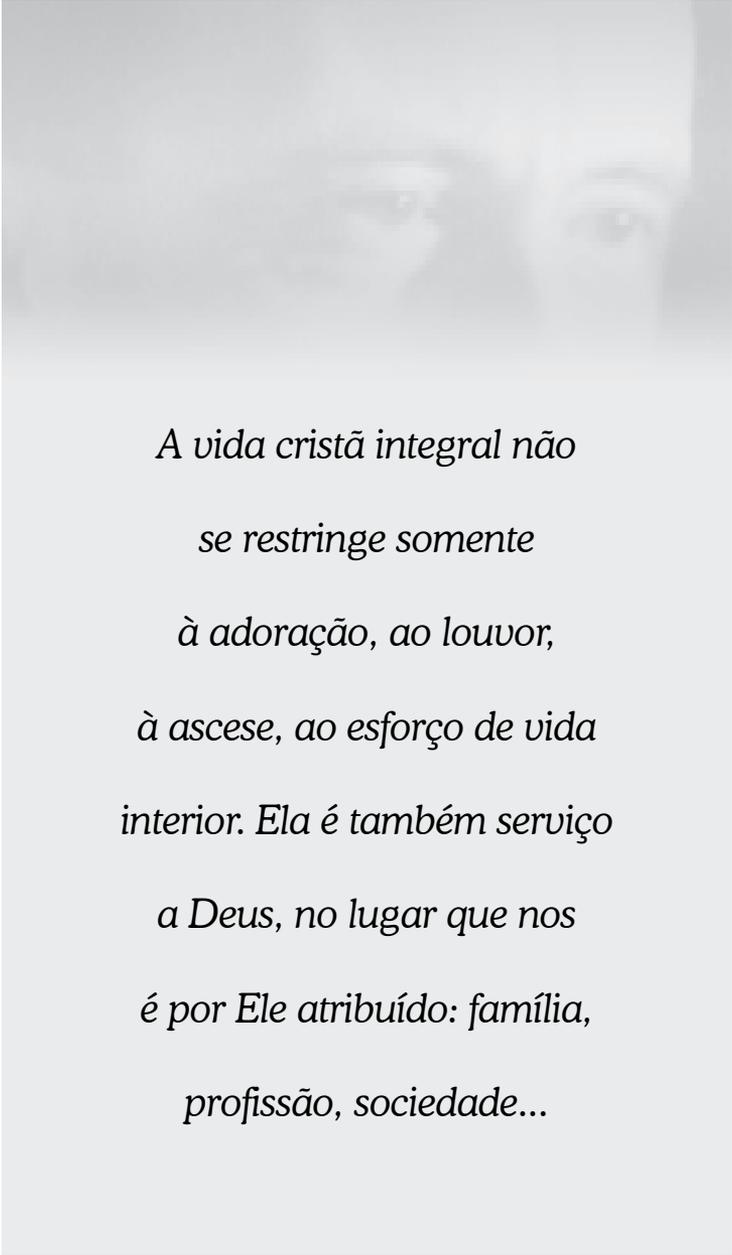
“Isto, portanto, digo e recomendo no Senhor: Não andeis mais como andam os demais gentios, na futilidade dos seus pensamentos, com entendimento entenebrecido, alienados da vida de Deus pela sua ignorância e pela dureza dos seus corações. Tendo-se tornado insensíveis, entregaram-se à dissolução para praticarem avidamente toda sorte de impureza. Vós, porém, não aprendestes assim a Cristo, se realmente o ouvistes e, como é a verdade em Jesus, nele fostes ensinados a remover o vosso modo de vida anterior – o homem velho, que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas -, e

a renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente, e revestir-vos do Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade.”

### **Para viver o auxílio mútuo**



No espírito da co-participação insistir mais sobre os valores evangélicos que motivam as nossas escolhas e os nossos compromissos.



*A vida cristã integral não  
se restringe somente  
à adoração, ao louvor,  
à ascese, ao esforço de vida  
interior. Ela é também serviço  
a Deus, no lugar que nos  
é por Ele atribuído: família,  
profissão, sociedade...*

## Capítulo 8

### PREOCUPAR-SE COM OS OUTROS

*Qualquer vocação é acompanhada de uma missão. As riquezas que recebemos – materiais ou espirituais – existem para serem partilhadas. Como Cristo, o cristão preocupa-se com os outros. Ele não se fecha em si mesmo para gozar egoisticamente do que possui, mas é aberto, acolhedor, atento aos outros. Ele vive e trabalha, em união com Cristo, “para a glória de Deus e a salvação do mundo”.*

#### Ricos

*Sob muitos aspectos, somos privilegiados - ainda que muitos de nós estejam hoje mais ameaçados do que antigamente pelo flagelo do desemprego e da precariedade. Se, contudo, nos sentimos seguros, sem ter o que temer, será que pensamos naqueles que não o estão?*

“Em resposta ao meu editorial no “l’Anneau d’Or” nº 20 (Inquietude), recebi a seguinte carta: “Sou a assinante passiva típica, a mãe-de-família-demasiadamente-ocupada-para-escrever! Desta vez, contudo, reagi energicamente ao ler o seu artigo.

‘A sua falta de preocupação me preocupa’, escrevia o senhor. Ora, a preocupação, e é essa a palavra correta, nos atormenta! O mundo aí está, em torno de nós, tão cheio de miséria, como poderíamos nos sentir em paz? Será que ainda há tanta gente vivendo feliz, satisfeita, em meio à sua comunidade familiar tranqüila, onde nada falta, onde cada um se sente confortável entre pessoas que se amam e são agradavelmente “bem educadas”? Realmente, eu pensava que isso pertencia a outros tempos. Quanto a mim, é-me tão difícil preservar alguns momentos de paz e tranqüilidade! Coloco, então, a cabeça entre as mãos e digo: ‘A minha situação social, a minha fortuna honestamente

adquirida (e muito relativa), foi Deus que assim a quis; aliás, sou generosa conforme as minhas possibilidades, etc., etc.', e continuo com um pouco de tranqüilidade.

Mas não por muito tempo. Uma mendiga toca a campainha (com certeza é uma profissional, não lhe devo nada... Ah! Mas e se ela tiver crianças famintas e geladas em sua casa?... As minhas estão tão felizes ao pé da lareira... Acaso será esse o plano da providência: a sua miséria? O meu conforto?) e fica tudo abalado... Ou então, é um testemunho do Abbé Pierre, ou um romance de Maxence Van der Meersh que me cai nas mãos: a miséria lá está, ela nos espreita, estraga o nosso conforto, perturba as nossas certezas tão racionalmente estabelecidas, acaba com a nossa felicidade; e o pior é que o agasalho dado para as crianças ou a importância em dinheiro não nos tranqüilizam..

Não, senhor Padre, antes ajude-nos a encontrar a paz. A paz que vem da caridade (como vê, condeno-me a mim mesma; bem o sei, tudo provém de uma insuficiência de amor). Onde está o nosso lugar, a nós, burgueses ricos (ou assim considerados) no meio dessa miséria do mundo? Não serão fúteis essas desculpas (plano da providência, etc.)? Pergunto-me às vezes se não seria melhor que a sua revista, escrita para nós, que compreende tão bem os nossos problemas e nos ajuda a enfrentá-los, esquecesse esses problemas e nos sacudisse, pregasse a pobreza, a caridade, o amor perfeito que despoja. Pergunto-me se, imersos nessa intensa caridade, não perceberíamos melhor a infantilidade dos pequenos problemas conjugais que tanto nos preocupam.

Temos consciência de sermos pouca coisa, pecadores, caprichosos, inquietos, indecisos, tristes por perceber o mal sem ter a coragem de remediá-lo. Agora, depois de ter tentado inquietar aqueles que estavam tranqüilos, não poderia o senhor tentar apaziguar os inquietos? É tão pesada essa angústia! Seria tão cômodo permanecermos tranqüilos!"

Como soa cristão esse comentário! Eis aí, expressa ao natural, essa inquietude que caracteriza o discípulo de Cristo. Diante da miséria do mundo, ele descobre a sua riqueza e se pergunta,

inquieto: por que eu, por que não eles?

Como vocês são ricos, vocês a quem me dirijo! Ainda que não tenham fortuna material. Ricos de sua cultura, de sua educação, de seus contatos, de suas amizades, desse lar em que reina o amor. Ricos do bem infinitamente mais precioso: a fé, a graça...

E, em torno de vocês, uma pobreza terrível: corpos esfomeados, corações esfomeados, almas esfomeadas.

Estão vocês atormentados pela pergunta: por que eu, por que não eles? Estão vocês atormentados pela vontade de partilhar? Vocês me dirão: “Eles não me pedem nada.” Será? Vocês acreditam realmente que são eles os que devem tomar a iniciativa?”

*(Carta Mensal francesa, maio de 1948)*

### **Uma palavra suspeita**

A palavra “espiritualidade” gera um problema. Não devemos nos equivocar quanto ao seu sentido. Com certeza, não significa fugir da realidade.

“Aos que lhes perguntam: “O que são as Equipes de Nossa Senhora?”, sem dúvida vocês respondem: “Grupos de espiritualidade”. As reações que essa resposta provoca, como vocês certamente perceberam, são muito variadas. Nem todas demonstram interesse ou simpatia. Às vezes, é apenas um sorriso, condescendente, o sorriso que se concede a um pobre maníaco, inofensivo, porém perfeitamente inútil aos seus semelhantes, que confessa colecionar moedas antigas, autógrafos, escaravelhos... Por vezes, ouvimos dizer: “Não sou místico. Basta-me ser um bom cristão: já sou demasiado ocupado com as minhas obrigações profissionais, familiares, sociais, para ainda preocupar-me com a espiritualidade!” Às vezes, ainda, uma reação escandalizada: “Fugir assim do temporal, não será uma traição? Quando tantas desgraças exigem a dedicação de todos, quando uma nova civilização se elabora – que, aliás, se não for edificada conosco, far-se-á contra nós...”

Essas reações provêm de um profundo equívoco. Para alguns, a espiritualidade parece ser um passa-tempo, uma forma de lazer! Outros, embora lhe dediquem um pouco mais de estima, a consideram apenas como a ciência da oração e da virtude: não lhes passa pela cabeça que a espiritualidade possa ter qualquer relação com as responsabilidades familiares, profissionais ou cívicas. Tanto uns como outros ignoram o que de fato é a espiritualidade.

Como dissipar esses equívocos? Basta, sem dúvida, deixar claro o que significa a palavra espiritualidade.

A espiritualidade é a ciência que trata da vida cristã e dos caminhos que levam ao seu pleno desabrochar.

Ora, a vida cristã integral não se restringe somente à adoração, ao louvor, à ascese, ao esforço de vida interior. Ela é também serviço a Deus, no lugar que nos é por Ele atribuído: família, profissão, sociedade... Assim, os casais que se reúnem para iniciar-se à espiritualidade, longe de procurar meios para fugir do mundo, esforçam-se por aprender como, a exemplo de Cristo, podem servir a Deus, por toda a sua vida e em meio ao mundo.”

*(Carta Mensal francesa, junho de 1950)*

### **O apostolado dos leigos**

Com o Concílio Vaticano II, o apostolado dos leigos voltou ao primeiro plano.

“É de sua própria união com Cristo, Cabeça da Igreja, que decorre para os leigos o dever e o direito de serem apóstolos. Inseridos pelo batismo no Corpo Místico de Cristo, fortalecidos pelo poder do Espírito Santo na confirmação, é o próprio Senhor que os envia ao apostolado. Foram consagrados como sacerdócio real e povo santo (cf I Pd 2, 4-10) para fazerem de todos os seus atos oferendas espirituais e para darem testemunho de Cristo em toda a parte. Os sacramentos e, principalmente, a Santa Eucaristia lhes comunicam e alimentam neles essa caridade que é como que a alma de todo apostolado”. (cf AA 3)

“Pouco tempo atrás, eu os convidava a ler e meditar os textos conciliares. Um deles lhes diz respeito diretamente, é aquele do qual acabo de lhes citar um trecho: o Decreto sobre o Apostolado dos Leigos. Um verdadeiro filho da Igreja deve ter pressa não somente de ler esse documento e de estudá-lo, mas de confrontar com ele o seu pensamento e a sua vida. E, ainda, de tirar dessa confrontação conclusões leais e corajosas, porque “as circunstâncias atuais exigem (dos leigos) um apostolado cada vez mais fecundo e mais vasto”. (AA 1)

Não se pode dizer que os textos conciliares sejam sempre de fácil leitura para aqueles que não têm uma formação teológica, mas esse está realmente ao alcance dos leigos. Contudo, é necessário um esforço sério de atenção e reflexão para perceber toda a sua riqueza, e também para medir todas as suas exigências, exigências essas que, aliás, não passam das exigências do Evangelho, expressas e traduzidas pelo Decreto para os cristãos de hoje.

O nosso Movimento, nos próximos meses (estamos em 1966), ajudá-los-á a penetrar cada vez mais profundamente na inteligência desse documento capital. Fá-lo-á com maior eficiência se esse texto tiver se tornado familiar para vocês, se tiverem refletido sobre ele entre marido e mulher (e também com os seus filhos crescidos), se o tiverem debatido em equipe.

E asseguro-lhes que grandes descobertas os aguardam.”

*(Carta Mensal francesa, abril de 1966)*



### **Para a troca de idéias em casal (Dever de Sentar-se)**

- Precisamos nos interrogar sobre a nossa preocupação com os outros. Como ela se traduz concretamente em nossa vida? É evidente que não podemos remediar a toda a miséria do mundo: os nossos meios são limitados. Mas será que temos essa orientação do coração que nos torna atentos aos que sofrem em torno de nós? Seremos suficientemente criativos para poder socorrê-los e levar-lhes consolo? Por outro lado, muitos organis-

mos caritativos pedem o nosso auxílio financeiro (e por vezes, a nossa colaboração mais direta): é impossível atender a todos. Entretanto, será que procuramos dedicar-lhes o nosso tempo, o nosso saber, a nossa competência? Quais os nossos critérios de escolha? Tomamos as nossas decisões a dois?

### **Para a troca de idéias em equipe**



- Estamos nós conscientes da nossa responsabilidade apostólica decorrente do nosso batismo e da nossa confirmação? Como a exercemos? Já lemos os documentos do Concílio Vaticano II que tratam disso? Trocamos idéias a esse respeito em casal e em equipe? Para que apostolado específico o nosso Sacramento do Matrimônio nos torna aptos? Etc...



### **Texto para meditar na reunião (1 Cor 9, 16, 19-23)**

fazer-se tudo para todos.

Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; é antes uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!

“Ainda que livre em relação a todos, fiz-me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Para os judeus, fiz-me como judeu, a fim de ganhar os judeus. Para os que estão sujeitos à Lei, fiz-me como se estivesse sujeito à Lei – se bem que não esteja sujeito à Lei – para ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei. Para aqueles que vivem sem a Lei, fiz-me como se vivesse sem a Lei – ainda que não viva sem a Lei de Deus, pois estou sob a Lei de Cristo – para ganhar aqueles que vivem sem a Lei. Para os fracos, fiz-me fraco, a fim de ganhar os fracos. Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a todo custo. E, isto tudo, eu o faço por causa do Evangelho, para dele me tornar participante.”

## **Para viver o auxílio mútuo**



Não deveríamos formar uma “caixinha” da equipe? Em cada reunião, cada um colocaria nela o que lhe fosse possível; as importâncias recolhidas estariam disponíveis, seja para ajudar os membros da equipe a participar dos encontros do Movimento, seja para socorrer algum casal em dificuldade, fazer alguma doação, etc.

## Ó TU, QUE HABITAS...

Tu, que habitas no fundo do meu coração,  
permite-me chegar a ti  
no fundo do meu coração

Tu, que habitas no fundo do meu coração,  
eu te adoro, meu Deus  
no fundo do meu coração.

Tu, que habitas no fundo do meu coração,  
louvado sejas tu, Senhor,  
no fundo do meu coração.

Tu, que habitas no fundo do meu coração,  
eu me ofereço a ti,  
no fundo do meu coração.

Tu, que habitas no fundo do meu coração,  
guarda-me de todo o mal,  
no fundo do meu coração.

Tu, que habitas no fundo do meu coração,  
que a tua alegria jorre,  
no fundo do meu coração.

Tu, que habitas no fundo do meu coração,  
faze-me viver de ti,  
no fundo do meu coração.

Tu, que habitas no fundo do meu coração,  
Quero o que tu queres,  
no fundo do meu coração.

Tu, que habitas no fundo do meu coração,  
junta o universo todo,  
no fundo do meu coração.

Tu, que habitas no fundo do meu coração,  
glorifica teu santo nome,  
no fundo do meu coração.

*Henri Caffarel*

*“Dieu, ce nom le plus trahi” - Antologia*

*Éditions du Feu Nouveau, p. 203-204*

*Tradução do Pe. Flávio Cavalca de Castro, C. Ss. R.*

## BIBLIOGRAFIA

As obras do Pe. Caffarel, escritas e publicadas na França, estão, na sua quase totalidade, esgotadas. Só podem, eventualmente, ser encontradas em sebos. No entanto, os titulares dos direitos autorais do Pe. Caffarel decidiram recentemente republicá-las aos poucos. Assim, *Présence à Dieu: Cent lettres sur la prière* e *Aux carrefours de l'amour* encontram-se novamente nas livrarias.

## OBRAS EM FRANCÊS

- Présence à Dieu - Cent lettres sur la prière*, Édições Parole et Silence, 2000.
- Aux carrefours de l'amour*, prefácio de Xavier Lacroix, Édições Parole et Silence, 2001.
- Propos sur l'amour et la grâce*, Ed. du Feu Nouveau, Paris, 1954.
- L'Amour plus fort que la mort*, em colaboração com A.-M. Carré, L. Lochet, A.-M. Roguet, Ed. Feu Nouveau, Paris, 1958.
- Lettres sur la Prière*, Ed. Feu Nouveau, Paris, 1960.
- Introduction à Saint François de Sales*, em colaboração com O. de la Brosse, *Les Femmes Mariées*, Ed. Du Cerf, Paris, 1967.
- La Pensée de Paul VI sur Sexualité, Mariage, Amour*. Introdução e notas de Henri Caffarel ao texto integral do discurso do Papa às ENS, Ed. Feu Nouveau, Paris, 1970.
- Th. R. Kelly, *Mon expérience de Dieu*, introdução de Henri Caffarel, 1970.
- Amour, qui es-tu? Páginas importantes sobre o amor por escritores contemporâneos*, apresentadas por Henri Caffarel, Ed. Feu Nouveau, Paris, 1971.
- Faut-il parler d'un Pentecôtisme Catholique?* Ed. Feu Nouveau, Paris, 1973.
- Nouvelles lettres sur la prière*, Ed. Feu Nouveau, Paris, 1975.
- Le Renouveau charismatique interpellé, études et documents*, em colaboração com J.-C. Bouchet, Ed. Feu Nouveau, Paris, 1976.
- Cinq soirées sur la prière intérieure*, Ed. Feu Nouveau, Paris, 1980.
- Camille C. ou l'emprise de Dieu*, Ed. Feu Nouveau, Paris, 1982.
- Prends chez toi Marie, ton épouse*, Ed. Feu Nouveau, Paris, 1983.
- Dieu, ce nom le plus trahi – Anthologie*, Ed. Feu Nouveau, Paris, 1987.
- Les Équipes Notre-Dame, essor et mission des couples chrétiens*, Ed. Feu Nouveau e Équipes Notre-Dame, Paris, 1988.
- Para conhecer melhor o Pe. Henri Caffarel (em francês)*
- Henri Caffarel: un homme saisi par Dieu*, biografia escrita por Jean Allemand, Équipes Notre-Dame, 1997.
- Prier 15 jours avec Henri Caffarel, fondateur des Équipes Notre-Dame*, Jean Allemand, Nouvelle Cité, 2002.

## OBRAS DO PE. HENRI CAFFAREL TRADUZIDAS EM PORTUGUÊS

*Apenas A Missão do Casal Cristão, Nas Encruzilhadas do Amor e O Carisma Fundador estão disponíveis no Secretariado. Os demais títulos abaixo, em razão de só possuímos um exemplar, está autorizado tirar cópias.*

*O Amor e a Graça - Editora Flamboyant, São Paulo, 1961*

*Cartas sobre a Oração – Ed. Flamboyant, São Paulo, 1962*

*O amor mais forte que a morte- em colaboração com A.-M. Carré, L. Lochet, A.-M. Roguet, Editora Ave Maria, São Paulo, 1972*

*Presença de Deus - Cem Cartas sobre a Oração – Edições Loyola, São Paulo, 1977*

*Novas Cartas sobre a Oração – Ed. Loyola, São Paulo, 1982*

*A Missão do Casal Cristão –Surgimento e Caminhada das Equipes de Nossa Senhora (textos compilados por Jean e Annick Allemand), Ed. Loyola, São Paulo, 1990 – Nova Bandeira, São Paulo, 2004*

*Cinco Encontros sobre a Oração Interior – Ed. Loyola, São Paulo, 1991*

*Nas Encruzilhadas do Amor - Editora Santuário, Aparecida, 2003*

*O Carisma Fundador (Discurso de Chantilly, 1987) - Nova Bandeira, São Paulo, 2003*

*A Ecclesia - conferência do Pe. Caffarel no Brasil em 1957 - em "E.N.S. no Brasil - Ensaio sobre seu histórico" – Nancy Cajado Moncau - Nova Bandeira, São Paulo, 2000, páginas 255 a 264*

*Muitos dos editoriais do Pe. Caffarel publicados nas Cartas Mensais estão incluídos nas cartas "Equipes Novas".*

*Para melhor conhecer o Pe. Henri Caffarel:*

*Um homem arrebatado por Deus - Jean e Annick Allemand - Nova Bandeira, São Paulo, 1999*

*Orar 15 dias com Henri Caffarel - conteúdo apresentado por Jean Allemand – Editora Santuário, 2003.*





nova  
**Bandeira**  
produções editoriais